



O Livro dos Contos Obscuros

Alexandre
Ribeiro



S umário

O DESPERTAR DO LOBO.....	3
A HERANÇA DE VLAD.....	5
A HERANÇA.....	5
O ENCONTRO COM O DESTINO NEGRO.....	11
A MALDIÇÃO.....	20
O DESPERTAR DO VAMPIRO.....	32
A VIOLINISTA SANGRENTA.....	41
VISÕES.....	49
JOCASTA.....	59
A ESCOLHA.....	70
O ANJO NEGRO.....	91
VALESKA.....	92
O ENCONTRO COM NÚBIA.....	97
VALESKA ENCONTRA HOMERO.....	100
O COLAR DE CASSANDRA.....	108
O BEIJO DE HOMERO.....	113
UM SONHO DE HORROR.....	116
NÚBIA MORRE.....	121
A CELEBRAÇÃO.....	123
O CHAMADO IMORTAL.....	124
JOHN, UM ANJO NA TERRA.....	130
A DAMA DA ESTRADA.....	142
A DÁDIVA.....	148
AUSÊNCIA.....	157

O D espertar do L obo

Ele caminhou passo a passo na imensidão da escuridão, para o seu destino esperado... Bem, ele desejava mais uma vez estar naquela montanha escarpada, onde o brilho súbito da Lua refulgia mais apaziguador.

A Noite estava densa, e as nuvens encobriam o ardor das estrelas. Naquela noite, as estrelas pareciam não querer testemunhar a sua queda, mas o que sei, é que ele não se importava mais com elas. Sua sede e seu desejo ardiam por encontrar somente a lua, naquele mesmo rochedo onde fora amaldiçoado.

Os animais fugiam de sua presença, seu cheiro, sua ânsia e o pulsar de suas veias podiam ser ouvidos, sem grandes dificuldades, pelos pequenos mamíferos que habitavam aquelas pastagens. E a sua face humana, nunca esteve mais bestial; encoberta pela sombra do horror que estava prestes a se revelar.

Ele caminhou seguro, como se a noite fosse unicamente sua. E a cada passo sua respiração mais e mais se revolia, se avolumava... As batidas do seu coração se aceleravam enquanto as nuvens negras iam cada vez mais se rareando.

Então ele a viu, a Lua, em todo o seu esplendor, soberana no negro céu. A força descomunal de sua parceira mais íntima acabara por tomá-lo por inteiro; sua pele se rasgou, seus olhos quase saltaram das órbitas. A face do monstro finalmente revelou o lobo interior e se apropriou do que restava de sua alma humana. Coberto de pelos por todos os músculos, agora, notadamente mais brutos que aquele rochedo íngreme e isolado; ele fez a única coisa que esperava desde o dia em que fora mordido, uivou para a lua, o uivo de um suplício aterrorizador.

Sentiu o cheiro das vítimas despercebidas que estavam a poucos quilômetros dali, respirou o cheiro acre do suor, o perfume e o pulsar do sangue de suas veias, salivou... Pensando no sabor de suas vísceras e de suas carnes. E então realizou o sagrado círculo da maldição que já o dominará por completo. No ímpeto bestial de sua nova alma negra, rugiu em fúria e partiu ao encontro daqueles que se embrenharam displicentes na escuridão da noite.

A Herança de Vlad

A Herança

Ele acabara de receber uma herança, mas não podia divisar a importância dela. Vladimir era o descendente direto de um conde romeno que viveu no século XVIII, seu pai era o herdeiro de uma fortuna e acabara de morrer. Nunca soube nada do pai e sua mãe morrera assim que nasceu, foi criado pelo tio materno.

O testamenteiro era um homem profundamente esdrúxulo, uma figura tão caricata que ficar com ele cinco minutos no mesmo ambiente, fazia com que a sua alma se arrefecesse.

- Meu caro jovem, fiquei feliz ao encontrá-lo e quando soube que estava aportado no novo mundo, quase não acreditei!

- Novo mundo? O senhor tem uma forma estranha de dizer as coisas!

- Sua ascendência é nobre, meu caro, é isso que precisa saber, seu sangue advém do velho mundo, da Europa Oriental, acaso nunca soube disso?

- Bem, estou sabendo agora, quero dizer... Meu pai realmente era descendente direto de um Conde?

- Não qualquer conde, o conde Olov Vlach, que nasceu nos principados dos valáquios, em 1715, sabe o que isso significa?

- Para ser sincero não!

- Certamente você não poderia entender a sua importância e de sua linhagem, tão pouco alcançar a dimensão de sua herança romena.

- Senhor, o que eu desejo mesmo saber é o significado disso tudo, isto é, que herança foi essa que eu recebi?

- Um Castelo, uma grande propriedade na Valáquia, Romênia. E é imprescindível, meu jovem, que o Senhor tome posse dos seus bens o mais rápido possível.

- Sim, mas eu não entendo como o farei?

- Não se preocupe quanto a isso, tudo será arranjado, mas preciso lhe dizer algo:

- Então diga, por favor, não me oculte nada!

- Existem termos para receber a sua herança.

- E quais seriam estes termos?

- Eu sabia, estava tudo certo demais, aí tem! Ele pensou.

- Na próxima Lua Cheia, à meia noite, eu lhe darei todos os detalhes.

- Mas senhor, o porquê disso tudo?

- É um velho costume da sua estirpe real, você não entenderia se lhe falasse neste momento!

- Está bem, e quando haverá lua cheia?

- Na próxima sexta-feira, espere-me aqui, um carro virá buscá-lo.

- Mas Senhor, eu preciso saber mais sobre o que eu vou receber!

- Como eu disse, seu pai deu instruções específicas, das quais precisamos seguir irrestritamente.

- Na próxima sexta-feira você saberá.

- Passar bem, meu caro Vladimir Vlach.

- Passar bem, Sr. Oláh.

- Antes de ir, tome um presente!

- Presente, mas qual é o motivo?

- Seu aniversário meu jovem, está fazendo dezoito anos, não é? Vamos abra!

- Senhor, é um colar?

- É a insígnia de seu povo! Então está bem, nos veremos na sexta-feira.

- Meu aniversário, mas como ele soube? Pensou alto.

O colar era um artefato estranho, tranfigurava-se numa moeda cunhada antiga com insígnias que ele não podia entender.

Ele passou a mão sobre a medalha e de repente, por frações de segundos, um rosto de uma jovem veio em sua mente. Vladimir piscou os olhos como se estes estivessem embaçados, e meneou a cabeça como se tivesse visto um fantasma, meio atordoado continuou a fitar impressionado o artefato, posto que um magnetismo o prendesse a si. Por fim, colocou o cordão em seu pescoço.

A noite entrou furtiva como se não fosse esperada, e um sono repentino tomou o rapaz que só teve tempo de cair em sua cama; um sono pesado que o envolveu e o inundou, entorpecendo a sua mente com sonhos muitos estranhos.

A jovem de olhos verdes de seus pensamentos invadiu a sua mente, de uma pele alva como se fora de porcelana, de olhos ávidos e extremamente bela e enigmática, o chamou na calada da noite. Ele percebeu que estava numa estrada deserta que contornava um rochedo íngreme, enquanto ela corria em direção a um castelo obscuro e lúgubre. A lua pairava no céu, ardia com um brilho jamais visto por ele. E a moça chamava pelo seu nome: - Vlad, venha querido, está na hora, venha comigo.

- Espere não vá, por que quer ir para lá?

- Venha querido!

Ela embrenhou-se pelo caminho, e como se estivesse em um filme com a rotação acelerada, dobrou os passos até chegar ao alto da montanha onde estava o castelo. Um portão enorme de ferro parecia o proteger, mas ela o transpassou com uma violência inacreditável, uma bruma gélida, por conseguinte, se ergueu e Vladimir não viu mais a jovem.

Olhou para aquela cena estranha, um castelo que se erguia na escuridão da noite em um rochedo íngreme, aquele caminho deserto e a bruma que ocultava até os seus passos... Ele temeu entrar naquele lugar, pois sentia que algo o compelia dali, porém ao mesmo tempo, um desejo íntimo o arrebatava, ele precisava estar no castelo, ele precisava saber quem era a jovem, aqueles sentimentos eram tão familiares que deu mais um passo e transpassou o portão.

Um vento impetuoso ergueu a bruma e o envolveu como se não pudesse saber mais onde estava, um redemoinho o lançou para longe daquela cena fria para dentro do seu quarto, então Vladimir despertou do seu sonho inacreditável.

Ele ficou estupefato com aquela sensação estranha, o frio era algo cortante, então correu para o espelho e viu a palidez de seu rosto, olhou para a janela, mas a janela estava fechada, por que estava sentindo aquela sensação de frio intenso e qual seria o motivo daquele sonho estranho.

Aquelas cenas o perturbaram até que se lembrou da mulher e pensou:

- Que jovem mais atraente, por que ela fugiu de mim?

Vladimir tinha a certeza, aquela cena era real, e conhecia aquela mulher. Mas então recobrou a sua consciência:

- Meu Deus, só posso estar louco! Que bobagem insana é essa que estou dizendo? Como posso conhecer uma mulher que nunca vi? Mas essa sensação me é tão estranha.

Seu corpo já estava se aquecendo, e sem propósito, quando passou pelo espelho, uma visão o tomou de assalto. Um brilho verde saltou do colar e pelo susto ele gritou:

- Mas o que é isso? Olhou de novo, mas o brilho não estava mais ali.

- Ah eu não sei, acho que eu preciso de um leite quente, é isso, e depois vou dormir, pode ser o cansaço! Que pesadelo mais insano, espero que isso não se repita mais.

O Encontro com o Destino Negro

O dia tão esperado chega, Vladimir passou as últimas horas envolto em pensamentos estranhos; porém, nada comparados ao sonho que tivera antes, mas ainda assim, perturbadores. No seu íntimo pairava a certeza de que algo estranho cercava a sua vida, as dúvidas sobre o sumiço de seu pai que durara anos, e aquela herança que ele jamais ouvira falar, eram por demais aterradoras.

No Entanto, a principal causadora daqueles medos infundos era a jovem que não teimava sair de sua mente, a mulher de olhos vivos e ardentes que sumira na bruma. Era tão assustadora, e ao mesmo tempo tão desejável que fazia sua mente se alucinar de desejo.

Ele foi dormir, por que o sono o assolou novamente como antes, e então, inesperadamente, um sonho mais ardoroso o afligiu...

A jovem entrou pela porta de sua casa, o tomou pela mão e conclamou: - Venha comigo. Ela trajava vestes brancas, seus cabelos soltos como se tivesse acabado de acordar, seus olhos tinham um brilho verde estonteante, e o coração de Vladimir se aqueceu como uma fornalha.

- Espere, para onde estamos indo?

- Para o seu destino.

- Venha, Vlad!

- Eu sou o Vladimir!

- Sim, Vlad, eu esperava por você meu amor!

Ela passou suas mãos sobre o rosto do rapaz e um frio cortante arrefeceu sua alma. E então sem que ele esperasse, o beijo. Um beijo indomável que parecia arrebatá-lo a sua vida, como se a jovem acabara de reivindicar a sua alma para si. Ele a abraçou e o mesmo frio cortante esfriou-o como se ele cortejasse a própria morte. E não importava o que ele houvesse sentido, ele precisava estar com a mulher, ele precisava tê-la para si.

Naquele instante, em que ele estava completamente inebriado de desejo, bateram à porta de sua casa. Ele levantou meio desacordado e abriu a porta.

- Você não está pronto, jovem mestre? Chegou a hora.

- Hora?

- Vladimir Vlach, você deve assumir sua herança.

- Está bem, deixe-me arrumar.

- Não há tempo, venha.

- Vladimir, olhe para o céu!

- O que há no céu?

Antes de receber a reposta, o homem o tomou a força e o envolveu com um lenço embebido em láudano.

- Por favor, não!

Ele caiu aos seus pés, completamente desmaiado. Um homem, com uma estatura gigantesca, o tomou com uma de suas mãos, o colocou na carruagem e foi levado para o velho casarão.

A casa parecia não pertencer àquele mundo, um lugar negro e obscuro, onde só os mortos ousariam habitar. Ele foi acordado. A Lua àquela noite estava reluzente e, ainda que mareado, Vladimir fitou as pessoas com ódio e sentenciou:

- O que acham que estão fazendo? Estão me raptando?

No alto da escada, a jovem vestida com um vestido vermelho envolvente se portava incólume, ao seu lado, pairava um cachorro enorme, negro, com os olhos vermelhos como o sangue. Vladimir olhou para aquela cena e sentiu sua alma se revolver de medo.

- Vlad, venha até mim!

- O que você quer de mim?

- Você já sabe a resposta!

- Por que me quer?

- Por que eu o espero há muito tempo, você está destinado a mim. Esse é o termo para adquirir sua herança, venha e reine comigo.

- Reinar com você?
- Este é o seu destino.
- Mas quem é você?
- Sou Roxana Vlach, não se lembra de mim, meu amor?
- Como eu me lembraria de você? Eu não a conheço.

Roxana desceu as escadas como se pairasse no ar, cantou um canto triste, porém muito ardente, uma melodia melancólica e envolvente, tal qual a morte quando convidava alguém para uma dança sutil e sem voltas. O cordão de Vladimir começou a brilhar e a entorpecer sua mente, ele teve o vislumbre de uma memória antiga, de quando os dois eram um; a memória não era sua, mas a viveu como se fosse.

Vladimir tomou a Roxana em seus braços e bailou com ela à luz da lua como se a suas vidas pertencessem um ao outro no mesmo castelo que havia contemplado em suas visões. Naquele arpejo da noite, eles dançavam inundados não só pela música, mas por todos os sons das criaturas da noite.

Sem que pudesse prever Roxana o mordeu e sugou o seu sangue, ele urrou de horror e de fúria, e ele a mordeu em seguida e a sugou, enquanto ela gritava um grito de puro terror, eles rasgaram suas roupas e fizeram um amor ardente, desvairado, louco e devasso; pois as suas almas estavam aprisionadas nos laços de uma morte eterna.

- Você se lembra agora?

- Eu não posso ser aquele homem.

- Você é! Carrega em seu sangue as marcas de meu amor.

- Vocês são monstros, são amaldiçoados e mortos-vivos, as suas almas estão condenadas.

- Por que me repudia meu amor? Você descende da mesma herança maldita.

Sem que ele pudesse divisar, em fração de segundos ela estava a sua frente.

- Meu amor, venha para mim, deixe-se envolver pela escuridão da noite. Esqueceu do nosso amor?

Ela passou as mãos em seus cabelos e a sua mente foi levada ao início da história dos dois, onde eles se amaram ardentemente, como se a maldição nunca houvesse existido. Não se lembra? Nós éramos estes, nós nos amávamos e ainda nos amamos.

- Sim, eu me lembro!

- Por que fomos amaldiçoados?

- O que eu tenho a te oferecer não é uma maldição, você receberá o dom da vida eterna, não entende?

- Eu não quero isto!

- Espere, Vlad, esqueceu-se de mim? Você prometeu não se lembra?

Ela passou as mãos em seu rosto, e então ele vislumbrou novamente a lembrança mais ardente que ele já havia vivenciado, ele dizia às palavras que ele ansiava por dizer-lhe, desde o momento em que a viu em seus sonhos:

- Roxana eu a amo, e sempre a amarei, ainda que a morte nos traga, você sempre será minha.

- Essa memória não é minha, não pode ser... Você ama uma lembrança.

- Querido Vlad, não rejeite o meu amor!

- Eu não quero herança nenhuma.

Os portões que estavam abertos, de repente se fecharam pela força do vento.

- Você quer me ter a força?

- Dracus, vá para o seu mestre.

O cachorro negro correu em fúria e pulou em Vladimir, e desapareceu como se tivesse invadido a alma do rapaz. O cordão de Vlad Vlach brilhou com muito fulgor.

Então Vladimir vislumbrou a pior visão que jamais teve em sua vida, a sua alma lutava desesperadamente para fugir de uma fera negra,

que queria tomar a sua vida. Ele estava num lugar escuro e só uma pequena luz estava acesa, como se ele estivesse aprisionado. O Vulto negro era o vulto da fera, o cão, que percorria e o cercava rangendo seus dentes em fúria, tentando roubar-lhe a alma.

Então de repente, em sua visão apareceu Vlad Vlach e abraçou o cachorro negro, enquanto Vladimir olhava tudo.

- Dracus, meu querido, você veio a mim, que saudade de você, meu cãozinho da escuridão.

- Você o teme? Perguntou o Vampiro.

- Não!

- Você teme o seu destino?

- Nada que diga me fará mudar de idéia.

- Vladimir, Roxana está vagando pela noite sozinha, eu fiz uma promessa, você se lembra?

O cordão então começou a brilhar poderosamente, como se um feitiço guiasse a mente de Vladimir e a entorpecesse, o seu antepassado tomou conta de suas memórias e no seu intimo ele sabia que era Vlad Vlach.

Quando despertou, olhou para Roxana e a reconheceu. Dracus o cão saltou-lhe da alma e correu para junto de sua dona.

- Roxana, estou aqui, faça! Vlad gritou.

A vampira saltou para o pescoço do pobre rapaz e sugou toda a sua vida, deixando-lhe somente um único fôlego.

- Querido, você está perdendo a sua vida. Você quer meu presente eterno?

Vladimir, agora consciente de tudo, pois era ele quem deveria fazer a escolha (a alma de Vlad o deixou por instantes) disse:

- Sim.

A vampira o beijou e ele provou do veneno da morte. Em questão de segundos Vladimir morreu, e sua alma adormeceu dentro de seu corpo, em seu lugar a alma de Vlad Vlach assumiu o corpo morto, despertando de sua prisão (o colar) revestido dos poderes da noite, com o olhar alaranjado e vidrado em direção de sua amada e então disse:

- Roxana, meu amor!

- Vlad meu arpejo negro, você voltou para mim!

- Sim, minha sonata das trevas!

A história de Vlad Vlach e de Roxana Vlach, os assassinos da noite, recomeçou assim. Ele que fora aprisionado por uma magia antiga, e ela que aguardava a sua volta dormindo, aprisionada em seu caixão, impassível, esperando o momento que o descendente se manifestasse e fosse desperto. Desde aquele dia a alma de Vladimir Vlach foi aprisionada naquele corpo sem vida, e permaneceu assim até o

momento em que foi liberta, mas essa já é outra história... Porém aqui começa a lenda de terror dos vampiros que povoaram o mundo com a maldição da noite.

A Maldição

O lobo emergiu em fúria e se embrenhou na noite, sentiu o cheiro de carne, mas a carne que ele queria saborear era aquela que nunca havia provado: a carne humana, de corações que batiam incessantes enchendo os seus portadores de vida.

Os jovens não poderiam divisar o que estava prestes a acontecer, já era tarde quando chegaram ao acampamento. Assaram carne, beberam cerveja, mergulharam no lago, se excederam. Em roda diante das brasas de um fogo que já estava prestes a se extinguir, eles contavam, naquela mesma noite de luar, histórias de fantasmas de um terror, no mínimo, duvidoso.

Alguns riam da atmosfera meio soturna que aquela experiência proporcionava; outros, menos corajosos, cobriam-se com o cobertor, tentando não olhar para a floresta de coníferas imponente que os escondia do mundo exterior.

Um breve sussurro do vento, e todos olharam ao redor meio apreensivos, as copas das árvores bailavam a noite frente aquela brisa

incessante que parecia fazer com que aquela atmosfera de medo não passasse.

- Peter, melhor deixarmos este conto de terror para outro momento!

- Ora, John, não vai me dizer que está com medo?

- Alguma coisa dentro de mim está querendo fugir daqui!

- E que bobagem é esta que diz agora?

- Peter, eu não sei de você, mas eu estou sentido algo estranho aqui neste lugar, como se algo nos vigiasse!

- Eu sabia, nós não deveríamos ter vindo aqui!

- Ora, cale-se Olivia, você sabe muito bem que o John é muito medroso, para ele, a morte sempre está rondando.

- Ah é, meu nobre Peter! Pois saiba que as premonições de John salvaram minha família no ano passado. Lembra das férias do último verão? John teve um sonho em que caíamos num barranco. Pois bem, a hora do acidente, quando houve um desmoronamento na pista graças à chuva, John nos disse para ficarmos no posto de gasolina. Horas depois soubemos da notícia de um carro que caíra numa cratera que se formou no chão, levando duas pessoas a óbito.

- Olivia, por que contou isso? Falou severamente o John.

- Ah, quer dizer que você é vidente, meu caro John? E então, diz aí ó sábio, que perigo é este que nos cerca?

- Eu não sou vidente, estou apenas sentindo um mal estar, como se uma fome estivesse me apertando.

- Ora John, eu mesmo vi você comer quase um quilo de carne, fome você certamente não está sentindo.

- Eu não falo de mim, algo dentro desta floresta está com uma fome inominável.

Quando John se calou, um uivo no meio da noite escura se ouviu.

- Me Deus, é um lobo!

- Um lobo? Aqui neste parque? Impossível! Eles já estão extintos há muito tempo. Talvez seja um coiote.

John começou a passar muito mal, pois o cheiro de sangue o fazia se sentir enfastiado.

- Estou falando sério, precisamos sair daqui!

- Pare com isto John, não comece com as suas sandices!

- Olivia, tem alguma coisa, eu sinto, está se esgueirando na floresta e logo estará aqui. Precisamos procurar um lugar seguro, eu estou sentido um odor horrível de sangue, de morte, esta coisa nos matará.

- E o que é está coisa?

- Uma fera, um lobo!

- Cale-se John, senão eu mesmo fecharei a sua boca!

- Olivia, venha comigo!

- Ora John, pare com isso, você já está me assustando.

- Sarah, não estou de brincadeira! É verdade.

- Robert, vamo-nos daqui, convença o Peter, por favor!

- John, eu não vou a lugar nenhum!

- Nem muito menos eu!

- Olivia, pegue o nosso bote.

- John, você tem certeza?

- Agora, ele está a dois passos daqui!

- Olivia pegou o que podia e ajudou o John que agora sentia uma náusea exasperante.

- Vocês só podem estar loucos! Olivia, não ouça este pobre miserável, ele deve ter tomado alucinógenos

- Vamos John!

- Olhem por si mesmos, eu tentei avisá-los, aquela fera é assassina e sanguinária, e ela sabe o quer!

- Saia já daqui infeliz! Disse isso e o esmurrou.

John vomitou. - Eu tentei avisá-los, eu tentei...

Olivia já estava no barco e John o empurrava para a água.

- John, eu acredito em você.

- Olivia, eu sinto muito, mas preciso voltar!

- John, não vá!

- Eles não sabem o que os encontrarão. Eu preciso voltar!

- Por favor, você não pode me deixar aqui sozinha!

- Fica dentro do bote, eu voltarei logo, prometo!

- Por favor, John, se você morrer, o que eu farei?

- Tem comida no bote e água também, não se preocupe.

a b a b

- Peter que cara maluco! Imaginem sair no meio da noite para o lago, é mesmo um doido.

- Eu queria saber quem foi que o convidou para este acampamento?

- A Olivia, é claro!

- Aquela é outra louca de pedra, mas que coisa mais sem nexo, a noite está muito clara, a Lua está tão viva no céu, se houvesse qualquer criatura próxima a este local nós certamente poderíamos vê-la!

Quando acabou de dizer isso, o uivo e uma respiração densa e grave pôde se ouvir a cinco minutos dali.

- Meu Deus, o que é isso, Peter?

- Calma, todos, fiquem quietos!

- Devem ser eles, eles devem estar brincando conosco.

Então um ronco enorme e em seguida, para o desespero de todos, o rugido descomunal da fera se ouviu. Os passos do animal estavam tão próximos de onde estavam, que podiam ver a terra tremendo ao seu redor.

- Meu Deus, olhe, ali, eu vi, é um monstro!

- Vamos sair daqui!

Sarah disse isso e a fera pulou sobre um deles. Não se sabe como aquele lobisomem conseguiu chegar tão rápido, talvez fosse a ira descomunal que o arrebatara naquele dia, o dia da sua primeira caçada. A fera dilacerou primeiramente o Robert, enquanto o Peter e a Sarah fugiam na noite.

Logo o lobo pulou sobre o Peter, abocanhando a sua cabeça e arrancando com grande violência do pescoço. A força de suas

mandíbulas era tamanha, que esmigalharam o seu crânio em instantes. Ele mastigou cada centímetro do crânio do rapaz enquanto o sangue escorria por suas mandíbulas caninas.

- Sarah, com a mão na boca, chorava desesperadamente, enquanto o lobisomem rasgava os restos mortais do garoto. Ela se escondeu atrás de uma árvore.

a b a b

Assim que John saiu do bote, o rugido da fera ele ouviu. Correu e encontrou a cabeça do garoto sendo dilacerada pelo lobisomem.

E enquanto o lobo se voltava para o corpo do pobre morto, John foi até a árvore onde Sarah tentava se esconder e disse:

- Fuja, eu vou segurá-lo!

Sarah, instintivamente, balançou a cabeça; e correu para o bote, onde Olivia aguardava o John, sozinha.

- Por favor, deixe-me entrar!

- O que aconteceu, Sarah? Onde está o John?

- Um monstro, disse gaguejando e pelo pânico começou a chorar!

- Oh meu Deus, não!

- Por favor, Olivia, deixe-me entrar!

- Venha, entre! Olivia a puxou para o bote e se distanciou da margem mais uma vez.

- Enquanto Sarah, em choque, chorava descontroladamente.

a b a b

John fitou o monstro comendo e se lambuzando de sangue, gritou:

- Hei, você, fera hedionda! Já te fartaste? Comeste todas as carnes dos meus amigos?

- O lobo o olhou como um cachorro que estivesse defendendo a sua comida!

- Estou falando com você, seu cão miserável!

- O lobisomem então se ergueu nas patas traseiras e rugiu em fúria para o garoto!

- Eu não tenho medo de você, animal amaldiçoado.

- Quando disse isso, a fera fez uma força descomunal para deter a sua transformação, mas a sua fome já estava saciada e então... John

fitou o homem se transformar diante dele! Apenas os olhos do lobo ainda estavam indistintos na face da fera.

- Você, não tem medo da morte, disse com uma voz gutural?

- Eu não temo aquele que foi amaldiçoado!

O homem riu, e disse:

- Você quer dizer abençoado, olhe para mim, estou mais forte do que nunca fui! Estou inundado de poder e de fúria, sou como uma fortaleza, e meus instintos... Estão tão aguçados que eu posso sentir seu cheiro de medo a metros de distância daqui!

- Ronald, você ainda é meu irmão, ou já se esqueceu disso? Essa maldição que te assola, precisa acabar!

- Cale-se, essa é a minha benção maior, não há nenhuma maldição a ser esconjurada aqui! E nada que fizesse a quebraria, além disso, não pode me matar!

- Não meu irmão, eu não poderia matá-lo, eu o amo! Só vim aqui, pois sabia que não seria capaz de me atacar.

- Para o seu próprio bem, aconselho-te a fugir enquanto pode, pois a fera já está tentando emergir.

- Antes, meu amado irmão, eu preciso lhe abraçar.

- Abraçar? Você sempre foi muito fraco John, nosso pai teria enfastio de você!

- Por favor, me deixe abraçá-lo, é em despedida. Agora que provaste o sangue dos humanos, esta maldição o consumirá por completo.

- John, se quer fazê-lo eu sugiro que seja rápido, pois não estou conseguindo controlar a fera em mim.

Enquanto John o abraçava, o irmão já se transformava novamente. John então viu a sua última oportunidade, tirou de dentro do bolso a faca de prata e o furou.

Ronald o lançou a metros de distância e urrou de dor.

- Seu miserável! Por que fez isso?

- Eu sinto meu irmão, mas eu tenho que deter essa maldição.

- Você também participa dela, esqueceu do seu dom de ver a morte, John?

- Meu dom é inofensivo, eu não mato as pessoas!

- Seu tolo, você atraí a morte para as pessoas que mais ama. Acaso, nossa mãe nunca lhe disse isso?

- Não minta para mim, que abominação é essa que acabou de dizer?

O irmão já estava sucumbindo, pois o veneno da prata estava corroendo o seu corpo. Seus olhos estavam lacrimejando gotas de prata e a sua face estava ficando pálida. A morte era certa.

Mas antes de morrer, ainda disse:

- A maldição que está na nossa família atrai a morte! Então, suspirou e morreu.

John foi ao acampamento, tomou consigo fogo e álcool e ateou no próprio irmão e nos outros mortos. Ficou ali fitando as chamas arderem e pensando em suas últimas palavras, a vida parecia que não fazia mais sentido algum para ele; mas então se lembrou das duas moças escondidas no bote, ele pegou suas coisas e mais algumas que seriam necessárias para a viagem, e foi até elas.

Já no bote, pela alegria do momento, Olivia o abraçou, enquanto Sarah o olhava com muito medo.

- Não se preocupem, ele está morto!

- Mas como? Como isso aconteceu?

- Ateei fogo no animal!

- John, como você conseguiu isso?

- Por favor, Olivia! Eu não quero mais falar sobre isso!

- Mas John e o Peter e o Robert?

- Estão mortos, eu os vi morrerem! Respondeu Sarah.

- Sim, estão todos mortos Olivia! Precisamos voltar para a casa e contar tudo aos parentes.

- Mas o que diremos?

- Eu não sei o que diremos, mas temo que a verdade seja muito difícil de ser entendida... Falou isso mirando o horizonte, lembrando das últimas palavras do irmão.

O D espertar do V ampiro

Chovia muito, enquanto a noite se erguia escura e imponente, a mulher quase não podia ser vista se esquivando, se esgueirando pelas vielas, envolta em sua capa negra. O capuz cuidadosamente encobria sua face que insistia em se esconder dos poucos que ousavam entrar naquela escuridão densa.

A pequena Vila parecia esquecida pelo tempo, não havia fáceis acessos ao local e escassos eram os seus moradores. O jovem, que estava encolhido numa pequena varanda próxima a delegacia, ficou atordoado com a visão da silhueta de uma mulher adentrando na única taverna da cidade numa noite como aquela. Ele olhou àquilo muito intrigado.

Alguns bandoleiros vieram a cavalo, cobertos de lama; mas cheios de brio, pressurosamente invadiram o local como se já fossem esperados. Aquela taverna não era muito convidativa e por se tratar de um lugar lúgubre e obscuro, passou a ser freqüentada por homens sem honra e nem reputação; também poucos eram os que se aventuravam ali.

Não demorou muito e a mulher saiu pela mesma porta, olhando para todas as direções e então irrompeu na noite fria. No ímpeto daquele momento o rapaz fez a única coisa que a sua alma ardia por fazer, a seguiu.

Ele apertou o passo enquanto ela se apressava pelas vielas. Não ousou chamar por ela... Passaram-se alguns minutos e eles já tinham saído da Vila indo em direção ao cais do Porto abandonado.

A casa de barcos de madeira e betume, coberta de limo, era a única edificação que se erguia frente a um mar agitado por ventos e pela chuva que teimavam em açoitar aquelas cercanias. Ele tentou se ocultar o máximo que pôde a alguns passos dali; escondeu-se atrás de uns arbustos, enquanto a mulher entrava na casa.

Uma luz se acendeu na velha edificação e ele se esgueirou, tentando olhar pela janela de vidro que estava coberta de poeira e sujeira. Ele a ouviu quebrando vários objetos, como se procurasse desesperadamente por algo.

Então ela parou. E por uma pequena fresta do lado de fora da casa ele a avistou aspirando o ar, como se quisesse se impregnar de algum cheiro, ela tirou o capuz e então a viu; uma mulher esplendorosa, de um olhar penetrante e inquisidor que repentinamente olhou em sua direção. Seus olhos pareciam perscrutá-lo e ainda que poucos segundos ele tenha permanecido ali, foram suficientes para que sáísse em

disparada ao encontro do lugar, de onde ele sabia, jamais deveria ter saído.

No meio do caminho ele adentrou numa densa e escura floresta e se escondeu ali, na esperança de que ela não o encontrasse. Ele não soube precisar o que havia naquela mulher, mas soube desde o instante em que seus olhos se encontraram que algo de inumano havia naqueles olhos.

Ele sentiu o frio apertando sua pele e com as roupas úmidas passou a tremer de um arrepio que nada tinha a ver com aquele local e as intempéries do tempo. Uma bruma cercou repentinamente a floresta, enquanto sua respiração mais e mais ficava rarefeita, o coração, saltava-lhe pela boca e petrificado de medo, ele fechou seus olhos.

Uma mão suave, mas incrivelmente gelada passou em sua face. Ele olhou ao redor e nada viu, decidiu ficar parado, pois as forças lhe faltavam. Finalmente se apresentou, linda, porém cruel diante de seu rosto.

- Sei que me seguia. Ela disse.

- Eu sinto muito, não queria isto lhe asseguro, mas você é uma mulher muito intrigante.

- Intrigante não é a palavra certa para esta ocasião; eu diria, amedrontadora.

- Ehhheeehhh... Gaguejou.

- Não se preocupe, não lhe farei mal, aliás, não quero fazer mal algum a você. Estou impressionada, sua alma é tão cálida e doce, e este desejo que pulsa de seu coração é tão ardoroso. Você gosta do meu rosto?

- Para ser sincero sim, eu gosto!

- Você tem idéia do que sou?

- Não, não tenho!

- Imaginava que não.

- Posso lhe dizer que sou uma mulher com qualidades que você não achará por aí, meus talentos são muito, muito impressionantes.

- Eu percebi quando você me olhou!

- Hum! E o que você percebeu? Disse isso, passando sua mão fria em seu rosto.

- Você não é humana!

- Ah, você entendeu! Sim, não sou humana há um século.

- É uma bruxa?

- As bruxas, mesmo as mais dominadas pela magia negra, nada poderiam se estivessem mortas.

- Então você está morta? Disse isso tremendo por dentro.

- Não completamente. Ela aspirou o ar mais uma vez e disse:

- Seu medo me impregna de desejo. Por que me teme? Acaso não sou bela o bastante?

- Nunca vi jovem mais linda, mas seu olhar é muito perturbador. E eu sei, você está morta!

- E você teme a morte?

- Mais do que pode imaginar!

- Não, você não teme a morte, a morte lhe fascina; por isso me seguiu, homem nenhum jamais ousou me seguir, talvez por que eu não seja vista com facilidade.

- Como assim?

- Aqueles que me vêem desejam ardentemente meu beijo.

- Seu beijo, sim eu desejei o seu beijo, sua silhueta na noite me impregnou de desejo, não posso negar.

- Mas previno-lhe, quem prova do meu beijo, jamais voltará a ser o mesmo.

- Quer dizer que você vai me matar?

- Eu não tenho intenção de lhe matar.

- Por quê?

- Você tem algo diferente, sua alma grita e chama por mim como se a sua vida dependesse do presente que eu tenho a lhe conceder.

- Presente?

- Sim, eu tenho um presente a lhe dar, mas você precisa merecê-lo!

- E o que seria?

- A vida eterna!

- Mas como? Isso é impossível!

- Feche seus olhos, vou lhe mostrar.

A vampira então enfeitiçou sua mente, mostrando-lhe o poder inominável que ela dispunha de vagar pela noite e fitar o que havia de oculto na escuridão. Seu poder era infundo e a sua loucura pareceu entorpecer os sentidos do homem.

- Viu o que posso lhe oferecer?

- Sim!

- Te dou então a escolha.

- Venha comigo e vague comigo pela noite, ou morra na solidão desta Floresta!

- Mas você disse que não iria me matar!

- Não, tem razão, eu não poderia lhe matar, então se despediu e disse: - Saiba, jamais me verá outra vez!

- O homem, na solidão da floresta, a fitou caminhar passo a passo enquanto se embrenhava na noite.

E então sem que ela pudesse prever, gritou: - Espere, não vá!

- Acabo de devolver-lhe a vida, se dê por satisfeito!

- Eu quero você!

- Você me quer?

- Sim, eu quero!

- Seu tolo, acha que o que tenho a lhe dar é poder? Disse isso com a sua face bestial.

O homem, diante daquele arrebatado e violento ódio do monstro, disse: - Eu quero você!

- Por que diz que me quer? Humano tolo!

- Você é como a minha jovem esposa que morreu consumida pela febre negra.

- Eu não sou sua esposa, humano medíocre! Não tenho calor a te oferecer, Somente a gélida morte!

- Isso basta!

Ela desafiada pelo despropósito do rapaz, o arrebatou e mordeu a jugular, roubando-lhe quase todo o sangue do corpo.

- Percebe agora, o que pediste?

- Por favor, faça! Ele suplicou.

- Ainda insiste, seu miserável? Você quer a morte eterna?

- Por favor, eu quero!

Ela o beijou coberta por seu sangue e então em poucos instantes ele morreu. Repentinamente, um vulto se ergueu na noite, com os olhos vivos de um verde arrebatador, a pele branca feito um mármore. Sua nova alma negra saltou aos olhos e ao contemplar o seu algoz, sorriu com um sorriso desvairado, revelando a sua nova face de terror.

- E então? Era o que imaginava?

- Não, é melhor, Nádía!

- Vejo que seu dom é incomum, perscruta os pensamentos?

- Sim, os seus são um deleite para mim!

- Vamos!

- Aonde vamos?

- Não quer saciar a sua sede, na vila?

- Sim, é o que mais quero!

- Mas eu não fui convidada a entrar nas casas!

- Mas eu sou membro da cidade, não preciso de convite. Que pena que não há mais nenhuma vítima na taverna, você sugou a todos.

Ela gargalhou realizada e o beijou em fúria.

- Nádia, minha harpia das trevas!

- Sim, sou toda sua, meu anjo negro!

Ele deu a mão a vampira na escuridão da floresta e olharam profundamente um para o outro como se fossem cúmplices de uma alegria insana; convictos, rumaram seguros para o seu destino, entorpecidos pelo negro véu da escuridão.

A Violinista Sangrenta

No alto daquele rochedo, frente a um mar bravio, ela ouviu a última sonata empreendida, quem sabe a mais sublime, a mais perfeita sonata, a última... Mascarada de uma dor nauseante que a impregnava de medo, de tristeza, de um remorso perturbador; pelo último suplício d'alma, agora, certa de estar perdida...

Horas antes, se lhe dissessem tal coisa, seria um mau agouro, ou interpretaria como uma falta de lucidez, talvez uma simples inveja de alguém que ansiasse pela mesma felicidade que ela possuía. Mas alheia a tudo, apenas, esmerava-se nos preparativos...

Nunca esteve mais feliz, nunca esteve mais completa, seus sonhos perdidos encontraram razão nos desejos de um jovem. O mais formoso homem que ela um dia pôde conhecer; ganhou seu coração muito rápido, afinal, por muitos anos ele viveu fechado. Era o homem que ela amava e que logo mais a iria desposar.

Foi o encanto do amado, seu carinho, seu cuidado, sua forma respeitosa, o seu olhar cúmplice que a arrebataram, que a tiraram do

amargo de uma vida de ilusões para uma realidade preciosa e auspiciosa.

A mais talentosa violinista do Conservatório de Liens passou anos a fios embalando a todos com os mais preciosos concertos, todos eram alentados pela sua maestria, sua poesia cantada nas cordas daquele instrumento. Ela mesma sentia-se feliz, sua missão de doar um pouco de sonoridade àqueles que nada tinham a deixava alentada, mesmo sem nunca conhecer o que era realmente alento.

Seus pais a abandonaram desde o nascimento, ficou às guardas da mais célebre família da região, tomaram-na como a um objeto de grande valor, como a um tesouro descoberto. Encheram a sua vida de todos os benefícios inimagináveis, pois a condição os favorecia. Como não podiam ter filhos, trataram-na como a uma princesa em um reino de encantamento. Tudo isso seria motivo para viver as maiores alegrias que se poderia imaginar, mas no fundo, sentia-se desprezada por saber, adotada.

Sofreu anos a fio a dor do abandono, foi preterida por aqueles que um dia foram seus pais, mas que na verdade a sentiam um fardo a mais a ser carregado. Quando soube quem eram seus pais verdadeiros há alguns anos atrás, chorou... De tristeza, de remorso, da ausência que não se calava. Sabia que não houve realmente a intenção plena de ser deixada, eram pobres indivíduos que não tinham condição de alimentar a fome de mais uma criança.

Venceu essa carência colocando todas as suas aspirações na música, talvez a dor a tivesse dotado de um talento mais que especial, afinal as dores geralmente tendem a nos mostrar que a beleza reside nas coisas mais simples. Durante anos usava a música como uma muleta, não tinha coragem de se perder de amor, o amor era um luxo que não a instigava. Sentia que não poderia conceber o contentamento e a realização que a sua alma clamava por ter. Até conhecer o rapaz... Homem garboso, inteligente, afetuoso, que deslumbrado por ela, a cercou de carinhos e de zelos infindáveis.

Houve uma que a invejou de verdade, cobiçou o bem mais precioso que ela conquistou, o jovem Kent, jurou que se vingaria de tê-lo roubado de si. Isandra era muito popular entre as jovens do condado, tinha méritos diferentes, pois era dotada de uma beleza inconfundível; mas amarga, nutria em sua alma o desejo de se sobressair sobre todos, fossem quem fossem.

Quando pôs os olhos no jovem Kent, apaixonou-se, ou ao menos se achou apaixonada, já que o rapaz deu claros indícios que seu coração era da jovem Helena. Notadamente fez-se rival da moça, tentado apelar para o seu conhecimento na sociedade, dizendo mentiras sobre ela, levantando injúrias e desconfianças aos outros jovens do local.

Mas era inegável que Helena tinha o bem querer de todos. Sua música era algo prazeroso, o passatempo predileto dos que se reuniam para os bailes em que a violinista se apresentava. Amores foram

deflagrados nestes mesmos bailes, e ela sempre fazia questão de tocar em seus casamentos, coisa, aliás, natural entre os seus amigos; sempre a convidavam para ser a solista... Apenas no seu não foi assim.

a b a b

Naquela tarde, Helena foi se encontrar na casa de sua prima Lucy para se preparar para a cerimônia. O vestido foi especialmente costurado pela melhor costureira do condado, talvez o mais bonito já visto, de seda pura, com mangas de renda, seus cabelos foram cuidadosamente penteados e prendidos com lírios, os mais brancos lírios que havia na região.

Porém Isandra também se preparou para aquele dia, num artil que estava bem pensado e que se fosse bem conduzido, levaria Helena a um desespero cruel.

a b a b

Isandra, cuidadosamente entrou na sala de Lucy sem que pudesse ser vista, esperou que entrassem no quarto e ainda sem ser vista subiu

ao mesmo e deixou um recado para Helena escrito com a assinatura de seu noivo, que dizia:

“Helena, venha a minha casa com urgência, é de suma importância, preciso falar-lhe pessoalmente, é caso de vida ou morte.”

Quando Helena viu um bilhete na penteadeira endereçado a ela, de tão aflita pôs-se a ler, não reconheceu a caligrafia, mas viu a assinatura do amado. Deixou sua prima Lucy e as amigas que a ajudavam a se preparar para o casamento e correu para a casa do David.

a b a b

Isandra viu que David estava no banho, pulou a janela do seu quarto e escondida nas cortinas esperou o momento em que Helena despontaria na rua... Quando a viu, se despiu por completo e postou-se nua em frente à janela; fitou-a de soslaio, sorriu e fechou as cortinas.

Helena ficou abalada, e não podia entender aquela cena, perdeu o fôlego, buscou ânimo de onde não existia para ir vê-lo. Sentiu-se perdida, desalentada, mas foi ao encontro dele, ao menos sentia que este lhe devia uma explicação.

David ainda estava no banho, quando adentrou no quarto. Isandra estava nua envolta em lençóis, disse:

- Desculpe, Helena! O amor falou mais forte, sinto por ter que passar por isto, mas como vê, David já fez sua escolha. Só ficou com você interessado em seus bens, depois que soube que era adotada, resolveu desposar-me, selamos hoje o nosso amor!

David saiu do banheiro e entrou no quarto e falou:

- Querida, o que faz aqui? Sabe que não posso vê-la no dia do nosso casamento! Olhou da forma mais cândida para Helena, com o mesmo amor que ela sempre conheceu.

Helena, aos prantos, olhou para o David e apontou para a cama.

- Isandra, o que faz aqui? Está louca, vista-se e saia daqui, o que pensaram as pessoas?

- Não minta para Helena, David, ainda agora me fez juras de amor. Diga a ela que me ama!

Falou isso com um olhar de desdém, com um olhar em fúria para Helena.

Helena pegou o arco de seu violino que também estava na casa do amado e uma só coisa ressoava nos seus pensamentos:

- Perdi tudo, perdi tudo, minha vida acabou que mais eu posso querer?

Olhou para Isandra que continuava sorrindo da situação, falseando aquela cruel mentira.

Então, fora de si, tomou o arco e rasgou-lhe o pescoço; como uma navalha cortou-lhe a artéria, Isandra envolta em sangue, aturdida, se deu conta que a sua vida acabara de ser ceifada.

Olhou para o David e chorou, mas a fúria de sua alma foi maior; repetiu o feito, cortou-lhe a artéria do pescoço com o mesmo instrumento de morte. David olhou para ela e ainda disse:

- Jamais a traí, meu Amor!

O vestido branco de seda, coberto por tanto sangue, tornou-se tinto... De um vermelho intenso.

Helena fora de si, perdida em seus desvarios, olhou a penteadeira do amado e viu num bilhete a caligrafia do jovem David Kent que esboçava num pequeno papel os votos de amor que seriam ditos no casamento.

Olhou para si mesma e em horror se deu conta que caíra num engodo, o mais terrível laço que uma pessoa é capaz de produzir. Isandra planejara tudo...

Como setas, as certezas vieram em sua mente. Sempre a invejara, desde o dia em que conheceu David, tentou seduzi-lo mesmo em sua presença; David sempre se manteve incólume. Isandra a havia enganado

mais uma vez... E terminado por tomar aquilo que a sua alma havia adquirido por merecimento, o único amor de sua vida.

a b a b

Helena no findar do dia, fora de si, caminhou passo a passo ao rochedo, aspirou o ar gélido daquela montanha íngreme, fitou o mar pela última vez, despediu-se do mundo, de David, de Isandra e deferiu o golpe que acabou com sua vida... O mesmo instrumento de dor manchou-se mais uma vez do sangue dos perdidos.

À frente o homem de capuz sentava-se numa pedra, com a mesma capa negra que sempre o favorecia; a fitava com paciência. Suas mãos, ossos sem carne, desta vez fez questão de não exibir a foice, mas o arco do violino de Helena. Com um dos braços esqueléticos esticado e o outro flexionado, tocou a sonata da Morte, sem sequer ter um violino em mãos. A melodia harmoniosa, repleta de dores, embargada e sofrível... Era como o crepúsculo de um dia.

Quando terminou, Helena caiu morta... Então desapareceu, levando consigo a sua alma.

A horda de ciganos chegou à vila e com muita apreensão foram recebidos, os ciganos são criaturas mundanas e navegam sobre o estreito limiar de dois mundos, um mundo espiritual e o mundo terreno. Mulheres dadas à sensualidade e homens ao desfrute, assim diziam os religiosos da vila. Tenham cuidado com os seus sortilégios, a felicidade e a prosperidade que proclamam não é algo que queiram ter.

Traziam consigo um teatro mambembe, de fantoches, algumas crianças se achegaram e os pais se puseram a apreciar o ensaio dos pobres andarilhos. Havia uma cigana muito formosa entre eles e para constrangimentos de todos, ela era vidente.

As jovens, desejosas por saberem sobre os futuros noivos, pretendiam argüi-la sobre o futuro, mas como todos foram encomendados a não se deixarem levar pela lábia dos incautos, elas decidiram permanecer resilientes.

Mas havia uma que contrariava todas as expectativas quando podia, seu nome, Vera. A jovem não temendo as ameaças veladas, foi até a cigana que se habilitou a ler a sua sorte. Normalmente Anuska produzia engodos, mas naquela tarde não foi assim, assim que Vera

adentrou na pequena carroça e assentou-se no banquinho, um arrepio enorme transpassou as duas.

Anuska fingiu-se não ter notado aquela sensação.

- Então pegou nas mãos de Vera. Sem que pudesse prever, seus olhos foram abertos em visões, e Vera que estava completamente entregue àquela experiência compartilhou as mesmas.

- Meu Deus, o que foi isso que eu vi?

- O que você viu?

- Aquelas cenas, uma criatura, fogo, pessoas sendo mortas!

- Não é possível, esse dom estava há muito perdido, e como ela compartilhou comigo? Pensou Anuska.

- Diga-me o que são essas visões? Você precisa me dizer!

- Eu não sei, eu peço que saia!

- Como? Eu sei que você sentiu o mesmo que eu. Não tenho esse dom, mas sei que o tem. Eu quero saber o que está escondendo?

- Não escondo nada, melhor você ir, já está tarde!

- Anuska, diga-me!

- Como sabe o meu nome?

- Você também estava na visão que eu vi!

- Você é uma bruxa poderosa!

- Bruxa, eu não sou bruxa.
- Sua família, você descende de uma família de bruxas poderosas.
- O que está dizendo, cale-se, e pare com essas sandices.
- Dê-me sua mão, eu vou mostrar a você.
- Eu não quero saber de nada disso, você me enfeitiçou.

Quando fez menção de sair, Anuska, tomada pelas mesmas visões, ainda disse, a maldição corre desenfreada sobre este lugar e vai alcançá-los, eu sinto muito, mas vocês a convidarão a entrar na sua vila.

- O que você está dizendo?

Anuska segurou as mãos de Vera e ela viu dois olhos verdes numa densa escuridão e logo depois um sorriso devasso.

- O selo da morte é o que ela traz. Avise-os ou estarão perdidos.
- Cale-se cigana desprezível, estou farta de seus feitiços, eu vim aqui para saber sobre o meu esposo, e você me vem com essas sandices.
- Você, você conhece o feitiço, você pode atraí-la e mandá-la para a escuridão.

- Cigana maldita. Tire as mãos de mim!

- Desculpe, eu fiz o que pude, nunca vi uma moça com tanto poder, você me guiou nesta jornada, há muito que meu dom estava perdido.

- Que sandice, eu não tenho poder algum!

- Seu nome não é Vera? Só isso me foi permitido ver, cuide-se ou se perderá.

- Você não está mentido? Está?

- Eu preciso ir, meu povo, preciso salvar meu povo.

- Anuska, diga que está mentido.

- Valério, precisamos ir...

- Anuska, o que diz? Acabamos de chegar, não nos instalamos ainda?

- A maldição, ela tomará essa cidade.

- Anuska, mas há tempos que você...

- Não é mentira, fui desperta essa noite, precisamos partir!

- Junte todos, então.

Os ciganos pegaram seus pertences e em menos de meia hora seguiram viagem. Quando já era noite, não havia mais nenhum cigano vagando por aquelas cercanias.

A carruagem negra vinha pelo caminho, e uma jovem e bela moça olhou para a celebração dos cidadãos. Havia cânticos e uma fogueira imensa e todos estavam alegres compartilhando momentos de grande

felicidade. Eles celebravam a prosperidade que tinham, pois a colheita fora abundante.

Já era noite e a roda da carruagem se partiu na estrada que circundava a vila. Os habitantes viram a cena emblemática de uma carruagem que aparecera no meio do caminho e da roda que se partira em pedaços ao passar por uma pedra. Um homem alto desceu do coche, e pôs-se a avaliá-la. Então ela surgiu de dentro da carruagem, uma bela e bem vestida mulher.

A névoa fria se ergueu do fundo do bosque que cercava a vila, e pairou ao redor daquela cena. As pessoas pararam a cantoria e viram a moça olhando em sua direção. E por mais que fosse amedrontador pensar que uma carruagem no meio do nada estava postada em frente a sua vila, eles não poderiam negar ajuda àqueles que necessitavam dela.

- Vocês estão bem? Perguntou o prefeito da cidade.
- Precisamos de ajuda, nossa roda se partiu.
- Será que poderíamos entrar em sua vila para consertá-la?
- Claro, por favor, venham, não fiquem perdidos na escuridão.

Naquele mesmo instante, os dois olharam entre si, o cocheiro e a dama da estrada e numa fração de segundos, Vera viu a escuridão em seus olhos. Aquilo arrebatou a sua alma, mas achou que aquela sensação devia-se ao fato de estar impressionada com a conversa da cigana. Vera estava absorta em seus pensamentos desde então.

Suas amigas, curiosas, a importunavam para saber sobre o que a cigana havia dito, mas ela não teve forças para prosseguir com aquele assunto. Vera acreditou na cigana, mas decidiu que seria melhor esquecer aquela sensação e a todas sentenciou: - Foi apenas uma experiência burlesca.

Venham por favor, sirvam-se e sintam-se à vontade, o nosso carpinteiro vai ajudá-los.

- Obrigada pela oportunidade, aceitamos o seu convite.

Vera olhou para a mulher e viu a face da escuridão em seus olhos. As mesmas visões de antes vieram com fervor em sua mente. E ela viu o seu povo sendo devastado por aquelas criaturas da noite, e o exato momento em que se apoderariam dos habitantes da vila.

Vera sorriu para a mulher, e disse: - Como é o seu nome?

- Imelda Imri. Sou uma soprano e gostaria de cantar uma canção se me permitirem, em gratidão por terem me recebido.

- Logo mais! Eu tenho certeza que todos adorarão serem embalados por suas sonatas, mas, por favor, venha comer conosco primeiro, disse Vera.

- Está bem.

Vera correu até a sua casa e se lembrou do medalhão de sua avó, ela não podia entender a força que a estava guiando, mas sabia que se

não corresse não haveria tempo. Quando adentrou no velho sótão, lá estava a caixa onde a sua avó guardara o medalhão. Ela abriu o invólucro e uma música suave invadiu seus sentidos; um cântico antigo, de um poder perdido, esquecido. Então olhou para o livro que estava ali guardado; havia inscrições antigas de uma língua que ela jamais aprendeu, mas que por instinto sabia o que significavam.

Também encontrou uma carta de sua avó que dizia:

- Minha querida netinha, a maldição irromperá nestas terras e quando você estiver pronta, faça a conclamação deste feitiço, pois o mal conjurado se desfará. Lembre-se! As vidas dos cidadãos de Livramento, dependem disso.

Vera pensou consigo mesma: - O que eu faço?

- O medalhão, se há algum poder a ser conjurado, deve estar guardado dentro deste medalhão. Ela o colocou, e então, um vento tempestuoso a invadiu e tomou conta dos seus sentidos; Vera perscrutou o mal que cercava aquela vila e a maldição que aquela mulher trazia consigo.

Ela desceu correndo as escadas e foi até a mesa onde estavam todos assentados. Eles comeram o banquete e ela permaneceu incólume, esperando o próximo passo de maldade daquelas duas criaturas que ali estavam.

Agora como presente eu cantarei a vocês. Imelda pôs-se de pé e começou a cantar uma sonata vil, um duro e poderoso feitiço que começou a trazer a escuridão e a encobrir a vila. Vera norteadada pelo poder do medalhão gritou aos cidadãos.

- Fiquem todos atrás de mim, ou morrerão!

A escuridão foi encobrindo o céu, e os cidadãos sentiram tanto medo que atenderam ao apelo de Vera que abriu os seus braços e gritou numa língua indecifrável.

- Tu vens a mim trazendo consigo a maldição da morte. E eu vou até ti levando comigo o juízo, pelo peso de teus erros. O dia do julgamento chegou.

Os olhos de Imelda se transformaram em olhos vermelhos e inflamados e o cocheiro, num grande cão negro e feroz. Sua aparência era como a de um lobo que rugia em redor dos cidadãos, com ele, uma fumaça negra intoxicante que os entorpecia, sufocando-os até caírem ao chão. Imelda, jubilante, ergueu um fogo ardente para queimar as pessoas da vila.

Vera entoou o feitiço, e as chamas se voltaram contra os seus possuidores, Imelda gargalhou desvairadamente e então disse:

- Tu conjuras um feitiço contra mim. Não és tão poderosa como proclamas e prosseguiu gargalhando... A risada ressoou nos ouvidos de todos como algo tenebroso.

- Imelda, o teu tempo de viver neste mundo passou, corra de encontro ao juízo que te espera e leva contigo o teu servo da escuridão.

- Bruxa medíocre! Estou presa numa maldição conjurada por tua família. Agora eu devolvo o regalo.

- Tu foste julgada por teus assassinatos bruxa maldita, e terás que pagar por eles na prisão que te enclausurará.

Quando disse isso. O medalhão brilhou com uma luz verde que encobriu a todos os cidadãos da vila e quando tocou os servos da maldade transpassou os seus corpos, ossos foram destroçados e viraram poeira ao chão.

O espírito de Imelda ainda apareceu a Vera e disse:

- Tu pagarás por esta ousadia.

E o poder do colar a tomou e a aprisionou dentro dele, um grito de desespero se ouviu, e a escuridão então se dissipou.

Quando despertaram, os habitantes perplexos viram o que tinha acontecido, mas estavam dominados pelo medo. Vera, temerosa por eles, conclamou um feitiço do esquecimento e aquele mal foi apagado de suas mentes.

Então uma menininha solícita se aproximou dela e disse:

- Eu sei o que você fez, eu sei o que você é. Seu feitiço não tem poder sobre mim.

Vera olhou para ela e disse:

- Venha comigo, há muitas coisas que eu preciso lhe mostrar...

A menina segurou a sua mão e caminhou ao seu lado, porém houve um momento em que Vera estava devaneando em pensamentos, e a criança olhou para trás, um sorriso devasso desnudou-se em seu rosto.

Vera virou-se e olhou para a mesma direção e perguntou:

Você esqueceu alguma coisa Elisabeth?

- Não, Tia Vera, eu já tenho tudo o que eu preciso.

O menino não estava bem, se encontrava em fase terminal... Dez anos pouco vividos, os últimos repletos de dores; o câncer havia avançado... A mãe e o pai estavam inconsoláveis, se houvesse como fazer um transplante, mas os órgãos eram incompatíveis... A criança jazia alquebrada naquela cama de hospital.

Às vezes esboçava um sorriso mascarado de dor, a mãe nada podia fazer para aliviá-lo, apenas molhava uma gaze e passava em seus lábios, tentando refrescá-lo.

O pai sentou-se no banco fora do quarto, não queria vê-lo partir. Fechou um pouco os olhos, uma lágrima desceu. Estava há muito tempo sem dormir, cochilou e então sonhou ou ao menos achou que estava no mundo dos sonhos. Viu quando a mulher se aproximou. Uma mulher sedutora, olhos verdes profundos, lábios rubros, vestes brancas cobrindo curvas extremamente delineadas, olhou para ele como em câmara lenta, sorriu. A capa negra como a escuridão escondia parte de sua face, talvez a face mais sedutora que já vira na vida. E nos seus pensamentos ecoou um nome, Jocasta. Foi em direção ao quarto do

menino e olhou com um olhar esclarecedor para o pai, a porta se abriu e então se fechou.

Jocasta viu a mãe debruçada sobre o filho, enquanto o menino fitava com grande interesse aquela mulher.

A mãe dizia: - Perdoa filho, eu te amo, mas não pude ajudá-lo.

O menino renovou os ânimos no momento em que contemplou Jocasta, Mas só ele podia vê-la, a mãe não sentiu em nenhum momento a sua presença.

Jocasta olhou para ele com um olhar terno, segurou a sua mão e com a outra afagou a mãe que chorava inconsolável.

O menino disse: - Mamãe, não se preocupe, estou indo agora!

- Não filho, não diga isto, por favor, fique.

- Meu anjo já veio me buscar, mamãe!

- Não tenha medo, estou feliz!

Então suspirou e morreu.

Jocasta levantou o espírito do menino da cama e com ele seguiu confiante, segurando sua mão rumo à porta que se abriu. À frente, uma luz consoladora; entraram na luz e desapareceram.

O pai viu tudo como um vislumbre, quando deu por si, estava de novo acordado, abriu pressurosamente a porta e disse: - Eu sei, ele partiu!

- Sim, João, nosso filho partiu!

Abraçaram-se e choraram...

a b a b

O caminhão veio na contramão... Marlene estava desolada. Acabara de perder o emprego, seu casamento estava naufragando, a filha resolveu morar com o pai, ficaria sozinha... Estava aflita e chorando a cântaros no carro, não estava em perfeito estado para dirigir.

O caminhoneiro dirigiu durante a noite inteira... As drogas estimulantes e a grande quantidade de café mascaravam seu sono; porém o sono é impiedoso e desesperador, em uma fração de segundos toma os sentidos tal qual veneno que nutre a morte.

Marlene deixou a toalha de papel cair e com os olhos embaçados de lágrimas abaixou-se para pegar. O caminhoneiro, fisgado pelo sono, desviou-se do seu curso indo de encontro ao carro da pobre mulher.

Em alguns instantes antes de se chocarem, Marlene viu a vida passar diante de seus olhos e virou-se para o banco do carona, lá estava

Jocasta; a mulher sedutora de olhos verdes esmeralda, de um sorriso cálido que estendeu sua mão sobre a mão dela para consolá-la; Marlene fechou os olhos e, em questão de segundos, já não estava mais neste mundo.

a b a b

Laura teve um acidente vascular cerebral naquela mesma noite, foi levada pelo seu marido com toda a providência possível; ele guiou o carro com a perícia e a rapidez que podia... Chegou ao pronto-socorro, pegou-a nos braços e a colocou na maca. O médico de plantão foi ao encontro da paciente e ministrou todos os medicamentos e o tratamento que precisava.

Estava inconsciente, mas fora de perigo, porém prostrada na cama, sem esboçar qualquer tipo de reação. O Marido, aflito, questionava o médico sobre o ocorrido; o médico, por sua vez, disse que realmente tinha sido um derrame:

- Talvez não tivesse deixado seqüelas, como ela estava inconsciente não tinha como precisar qual foi o efeito deste.

- Quando ela acordar, veremos a extensão do problema, mas tudo indica que está fora de perigo.

Sentou-se numa cadeira, passou a mão na nuca, olhou para o corredor, estava desolado. Marcos só tinha sua mulher, não puderam ter filhos, ele estava numa idade avançada, ela muito mais nova. Viviam despretensiosamente sua solidão conjugal, desfrutando os dias como se fossem realmente os últimos.

Mas a indecisão daquele momento fazia com que a sua vida perdesse todo o significado. Chorou...

- O senhor está bem? Perguntou uma linda mulher que o fitava.

- Não minha jovem! Não estou. Ali dentro está o único amor de minha vida e nada posso fazer para ajudá-la, estou aflito e sozinho, e não sei o que fazer!

Ela olhou com os olhos verdes em brilho para ele e perguntou da forma mais terna que podia:

- Você a ama muito, não é mesmo?

- Ela é tudo para mim. As lágrimas descenderam displicentes...

- Gostaria que ela sobrevivesse?

- Sim, mais que tudo!

- Se pudesse escolher, trocaria de lugar com ela?

- Minha mulher é jovem, claro que sim, ela tem uma vida pela frente!

- Quer realmente isto? Disse isso olhando com decisão para os seus olhos e estendeu-lhe a mão.

Por alguns instantes, ele viu sua vida passar diante de seus olhos e os fechando, viu sua amada esposa deitada no leito do hospital, uma lágrima desceu... Ele entregou a mão para Jocasta.

No rol daquele hospital, encurvou sua face e jazeu sentado naquele banco sozinho, enquanto Laura acordava do incidente como se nada houvesse acontecido.

a b a b

Jonah era o filho mais velho do banqueiro mais influente da cidade, dotado de muito carisma, estava entre os mais bem sucedidos jovens da faculdade de medicina, havia se formado com louvor, fazia residência no Brave Defiance Hospital, e naquela noite, era o médico de plantão.

Estava a poucos minutos do plantão quando foi chamado para atender as emergências. A primeira, uma jovem que se envolveu no acidente de carro... Chegou com pouca pulsação do acidente, tentou reanimá-la mais sem sucesso, foram os dez minutos mais longos de sua vida, mas por fim perdeu a batalha; hora do óbito, 22h45min.

Ao seu lado estava uma jovem mulher oculta em meio aos enfermeiros, seus olhos o fitavam com decisão e vendo sua aflição, segurava uma de suas mãos, tentando consolá-lo.

Logo veio o segundo chamado: - O menino do câncer, doutor Jonah, acabou de falecer! Ele foi em direção ao seu quarto, encontrou os pais abraçados chorando.

Traga os aparelhos, vamos tentar reanimá-lo.

- Não faça isto, não vê que meu filho estava sofrendo, ele partiu!

- É minha responsabilidade, preciso tentar salvá-lo!

Tentou o que pôde, pediu que os pais saíssem, mas nada conseguiu. Hora do óbito, 23h25min, ele suspirou, faltou-lhe o ar. Jocasta passou as mãos no seu cabelo e olhou para ele como se quisesse consolá-lo, mas nada podia.

O terceiro foi o pobre homem que estava sentado no banco, ele olhou para a situação e achou estranho o homem estar sentado e com a cabeça imóvel; foi ele quem havia atendido a sua mulher e havia esclarecido todos os fatos, quando tocou o pobre homem, este estava frio; a morte já o havia aviltado. Hora do óbito, 23h40min, chamou o enfermeiro de plantão, e disse para levá-lo ao necrotério, o homem se fora.

Ele se sentou no mesmo banco frio do hospital e lágrimas repentinas começaram a rolar de sua face: - Meu Deus, por que não

pude salvá-los? Estava aqui, podia ter feito a diferença! Deu-se conta, que nada de fato estava em suas mãos.

Uma mulher então se sentou ao seu lado e com os olhos verdes e sedutores, perguntou-lhe:

- Sabe que fez o que podia, não é mesmo?
- Sim, acredito que sim!
- Então não chore, eu também sei que lutou bravamente.
- É lutei bravamente, e olhou fixamente para os olhos da mulher.

Então aconteceu algo inesperado, Jocasta foi tomada por um eletrizante sentimento, aqueles olhos, os olhos de um azul arrebatador, como ela jamais havia visto, arderam em sua alma.

- Como se chama?
- Meu nome? Jocasta.
- Jocasta, a curadora do veneno. É um nome muito profundo.
- Sim... Você acha? E Qual é o seu nome? Quando fez esta pergunta percebeu que não sabia o seu nome, então veio a dúvida em seu coração, mas como eu não posso saber o seu nome? Sou o anjo da morte!
- Meu nome é Jonah.
- Jonah, eu não conheço você, por que não o conheço?

Ele sorriu, pois via à sua frente, a mulher mais linda que seus olhos jamais viram, e disse:

- Talvez estivesse destinada a me conhecer!

Ela ficou encabulada, levantou-se e se despediu: - Talvez!

- Hei espere, aonde vai?

- Preciso ir agora!

- Não, não vá, quero seu telefone!

- Sinto muito, preciso ir!

- Então, volte, volte para me ver, preciso vê-la novamente!

Sem sentir ela disse: - Talvez volte!

Jocasta seguiu seu caminho com segurança, dobrou a esquina do hospital e sumiu!

Jonah correu esfuziante em sua direção, mas quando dobrou a esquina, viu que a mulher não estava mais lá. Gritou o seu nome por três vezes, mas sem sucesso.

Então respirou fundo, sorriu... E perguntou para si mesmo: - Será que a verei de novo?

- Jocasta foi para debaixo de uma árvore, sentou-se sobre os seus frondosos galhos e então orou:

- Senhor, fiz tudo como me pediste!

- Sim filha, eu sei!

- Senhor, por que não sabia o nome do jovem?

- Lembras do juramento que fizeste?

- Sim, Senhor Meu Deus, sei que me lembro!

- Disse que jamais se apaixonaria... Não se lembra?

- Senhor, perdoa-me, por isto não o reconheci, eu me apaixonei por ele!

- Filha, está diante de ti uma escolha, se preferir ficar com este, tens minha Benção!

- Mas Senhor, o juramento?

- Faça sua escolha!

Ela voltou ao hospital, e encontrou Jonah novamente.

- Olá!

- Oi, estava ansioso por vê-la!

- Eu também!

- Tenho uma pergunta a lhe fazer?

- Diga!

- Se você pudesse escolher entre curar muitas vidas e salvar aquela que ama, qual escolha faria?

- Eu escolheria salvar aquela que amo!

- Por quê?

- Por que não tenho o poder para salvar vidas se Deus não me capacitar para tal!

- Então eu escolho você!

Dizendo isto, os dois se entreolharam por instantes e de súbito se beijaram... Naquele momento o destino do anjo da morte mudou; pois o Amor que é a maior força que existe no Universo venceu o desejo último da Morte.

A Escolha

A viagem não foi muito agradável, desde o começo ele soube que algo inesperado iria acontecer, é aquela sensação que muitas pessoas às vezes ignoram por achar estarem alucinando.

O pneu logo furou, mas para a sua sorte ele tinha um estepe em ótimo estado; embrenhou-se mais uma vez naquela estrada de difícil acesso, mas não imaginou que a viagem duraria tanto, logo outra surpresa, o radiador estourou. David realmente não estava acostumado a situações tão imprevisíveis como aquelas, e naqueles momentos de indecisão, por pouco ele não sucumbiu ao desespero.

Esperar por ajuda em meio à solidão de uma estrada deserta, cercada por plantações de trigo ao redor, era meio desesperador. Em momentos como aqueles, a única coisa que pairava no seu coração, era: “pior não pode ficar”.

Uma caminhonete parecia estar surgindo no horizonte, o que fez com que seus ânimos realmente se renovassem, logo o homem parou e com um olhar gentil e um sorriso amistoso, disse:

- É meu caro, acho que está em maus lençóis! Que bom que tenho uma oficina há alguns quilômetros daqui.

- Pois é, o radiador estourou! Mas que providencial, o senhor ter um reboque, pode cuidar do meu carro.

- Não é de admirar, são muitos quilômetros até chegar a próxima cidade. Mas não se preocupe rapaz, vou dar um jeito nele. Só me ajude aqui com o equipamento.

- Obrigado, senhor, não sabe o quanto sou grato.

- Como é o seu nome, meu senhor?

- Angelus, mas pode me chamar de Angel.

- Obrigado, Angel, não sei o que faria sem o Senhor.

- Não se preocupe meu caro!

- E para onde você está indo?

- Bem eu tenho assuntos a tratar na fazenda Raven's Demise (Arrendamento do Corvo).

- Hum, entendo, e que assunto de tão urgente o traria a este lugar?

- Recebi por herança estas terras.

- Herança? O homem mudou o semblante alegre, e ficou muito taciturno.

- Meu tio Earl Topsy era dono destas terras. Ele as deixou como herança, sou seu único herdeiro vivo.

- Meu jovem, você verá que estas terras têm uma atmosfera muito diferente do que está acostumado.

- David, Senhor!

- Sim, David, nem tudo o que você vê aqui é o que parece ser! Lembre-se disso.

- Não entendi, Senhor!

- Ele sorriu, e disse, já chegamos!

- No meio do nada, de repente surgiu uma casinha e uma oficina!

- Nossa, Senhor! Eu nem notei, estava tão entretido com a conversa, então aqui é a sua oficina?

- Sim, rapaz! Se quiser pode ficar aqui. O que acha?

- Não, Senhor, eu preciso ver mesmo a minha herança.

- Entendo, se precisar de ajuda é só chamar, está bem? Estarei ao seu lado se precisar!

- Obrigado, Senhor, o farei com certeza!

- Lembre-se do que eu lhe disse.

- O quê Senhor?

- O homem sorriu e disse boa viagem, siga em Paz.

- Obrigado, Senhor.

Ele ainda olhou para trás! E viu o homem com um olhar profundo e triste para a sua direção, como se ele tivesse perdido algo de muito valor.

Aquela cena era inquietante, ele ficou muito impressionado, mas resolveu que precisava seguir adiante e verificar a tal fazenda que recebera em herança.

Andou mais alguns quilômetros e encontrou uma vila festiva, com pessoas muito atenciosas que o cercaram como se estivesse recebendo um convidado de grande valor.

- Ah, você é o David Topsy, aguardávamos ansiosos!

- Mas como sabiam que eu chegaria? Isso é meio surpreendente, me perdoem!

- Seu tio Earl falava muito de você, assim que partiu, sabíamos que você ocuparia o seu lugar na Fazenda Raven's Demise.

- Venha David, venha comer conosco, estamos celebrando a festa da colheita. Sua fazenda foi a que mais produziu e olhe os frutos, os melhores frutos. Vamos, venha participar conosco.

- Ele olhou e viu muitas pessoas jovens, não havia crianças nem velhos, mas todos felizes se banquetear com aquelas mesas fartas e cheias de sabores ímpares. Tortas de todos os estilos, até de abóbora.

- Senhor, como se chama?

- Sou August, está é May minha esposa, e todos os que você vê são meus primos e primas. Somos todos meio aparentados, então não ache muito estranho.

- Não, na verdade não, o que mais me deixou surpreso aqui, é que esta cidade não aparece no mapa, qual o nome dela?

- É chamada de Last Destiny. Não está no mapa, fazemos questão de semear nossos próprios costumes e viver sobre as nossas próprias regras, as regras do mundo exterior não nos interessam.

- Entendo, mas como meu tio soube desta cidade?

- Ele como você nos conheceu meio que por acaso, nunca conseguiu nos deixar, a felicidade que vivemos aqui, é real, somos muito prósperos e nada queremos com o mundo exterior.

- Mas veja que não estamos enganados, olhe por si mesmo!

David olhou ao redor e viu homens e mulheres muito felizes, eram de hábitos simples, vestiam-se com roupas decentes e pareciam estar extasiados com a vida que levavam. Aquela atmosfera realmente era muito instigante. Há muito não via pessoas tão satisfeitas consigo mesmas.

As músicas eram antigas e muito gostosas de ouvir, embalavam o ritmo com muito gosto. David nunca esteve em um lugar tão pitoresco e tão interessante como aquele. Achou que seu tio Earl talvez tivesse encontrado paz ali, por isso nunca quis voltar para o Alabama.

- David, quero lhe apresentar alguém muito especial!

- Oh sim, caro Sr. August!

- Essa aqui é Primavera a viúva do seu tio Earl.

Diante dele apareceu a mulher mais linda que já vira na vida, cabelos loiros cacheados, olhos verdes em brilho, sorriso singular, lábios rubros como morangos acabados de serem colhidos; a mulher exalava desejo.

Usava roupas comportadas; a verdade é que estava em luto, e portava-se com um vestido negro, mas as nuances de seu corpo eram difíceis de não serem notadas.

- Olá David?

- Você era a esposa de meu tio Earl?

- Sim!

- Não entendo, mas como eu fiquei com as terras dele?

- As mulheres na nossa vila não podem receber bens em herança, só os herdeiros homens. Seu tio não tinha filhos, não pôde tê-los.

- Primavera, eu sinto muito!

- Por favor, não sinta!

- Venha David, precisamos falar com o testamenteiro, para que saiba os termos da herança.

- Meu tio deixou testamento escrito?
- Não, mas os assuntos de herança são tratados com o conselho.
- Entendo, vocês realmente têm regras interessantes aqui!
- Não se preocupe, você se acostumará a elas, eu tenho certeza!
- Bom, disso eu não sei ainda, mas estou curioso...

Eles se reuniram no conselho, que foi feito na única Igreja da cidade. Nada havia de estranho na Igreja, senão, os termos da herança.

- Caro Sr. Topsy, é de seu conhecimento que a sua herança não lhe pertence ainda, mas que queremos remediar isso o mais rápido possível. Para que fique em nossas terras, é imprescindível que esqueça os padrões de onde veio e decida ficar aqui no nosso povoado permanentemente.

- Bem, eu tenho certeza que isso não será um problema, pois não tenho casa e desejo me estabelecer em um local, para ser sincero, gostei muito daqui. Se as terras forem prósperas como disseram, acho que será uma grande oportunidade.

- Então está muito bem, vamos assinar o contrato.

- Mas esperem... Eu não preciso fazer isso agora, preciso? Afinal, permanecer é uma decisão meio precipitada, eu poderia conhecer melhor seus costumes e então, decidir?

- Está muito bem, a nossa lei permite que fique durante três dias, e depois decida; caso não aceite, terá que partir e esquecer de que um dia teve uma herança. Então, faremos assim, ao final do terceiro dia, você nos dará a resposta!

David achou tudo aquilo muito peculiar demais, algo havia de estranho nas perspectivas dos seus novos amigos. Mas ele se encantou pela viúva de seu tio, nunca tinha visto uma jovem tão linda, aquilo, por mais estranho que parecesse (era a viúva do seu tio a quem muito amara) mexeu com a sua cabeça.

- E então David, você resolveu ficar, assinou o contrato?

- Primavera, ainda não! Eu desejo conhecer mais sobre a cidade e as terras que passarão a mim, e confesso, gostaria que você me ajudasse nisso.

- É claro que posso ajudá-lo.

- David, você me lembra muito o seu tio Earl.

- Você o amava?

- Sim muito, ele desistiu de tudo por mim!

- Mas como meu tio conseguiu estas terras?

- Ele as ganhou em herança!

- Ganhou em herança, não entendo? Meu avô não deixou herança!

- Ele trabalhava para a minha família, era como um filho.

- Oh, sim! Por isso se casaram?

- Sim, eu amava o Earl, ele foi o primeiro que realmente quis abandonar tudo por mim.

- Abandonar tudo?

- David meu caro, venha almoçar conosco, Primavera você deve limpar a casa e fazer os preparativos, pois caso David fique conosco ele tomará as terras de Earl em posse.

- Certo, Sr. August, vou deixar tudo pronto!

Eles se distanciaram um pouco e o Sr. August o levou para a sua casa, fitou melhor a sua jovem esposa, uma mulher muito bonita, gordinha, que logo tratou de servir um jantar delicioso, carne de cordeiro, muito bem temperada com ervas, delicioso.

David a viu, e disse: - Maravilhoso jantar Senhora.

- Ela sorriu para o jovem e voltou aos afazeres!

- May é uma excelente cozinheira, meu jovem.

- Oh sim, Dona May, nunca comi um jantar tão saboroso, obrigado pela sua hospitalidade.

- Ela mais uma vez sorriu e continuou nos seus afazeres.

- Sr. August, então, o que será da viúva do tio Earl?

- Você gostou dela?

- Sim, a achei muito atraente, para ser sincero, nunca vi uma mulher mais linda!

- Ah isso é muito bom, por que você pode desposá-la!

- Casar-me com a viúva do meu tio? Eu não poderia.

- Se você ficar e se casar com ela, ela terá onde ficar, e poderá participar da nossa comunidade.

- Bem, eu não entendo? As viúvas não podem participar da comunidade?

- Podem em termos, uma viúva só pode participar dos costumes da cidade, se vier a se casar novamente!

- Mas senhor isso me parece meio arbitrário!

- Verá que não, pois elas recebem toda a ajuda necessária, e ninguém fica viúva por muito tempo, todas se casam novamente.

David ficou tão intrigado com tudo aquilo, sentiu quase pena da linda mulher, aquilo o deixou mais interessado em conhecê-la. Eu gostaria de conhecê-la, eu posso?

- Você pretende desposá-la?

- Bem eu gostaria de passar alguns momentos com ela, conhecê-la, ver se temos alguma coisa em comum, o senhor entende?

- Tem a minha permissão. Desde que não extrapole dela, seja sensato!

- Obrigado. Gostaria de conhecer também as terras do meu tio.

- Isso pode ser providenciado. Mas amanhã, hoje dormirá aqui!

A esposa de August sorriu e o Sr. August parecia muito satisfeito. No outro dia o Sr. August o deixou na casa da Fazenda, uma casa muito antiga que parecia mal cuidada. Havia algo de emblemático na casa, como em todas as casas da cidade, parecia que existiam há anos, aparentavam estarem conservadas em detrimento do tempo, mas realmente notava-se que eram muito antigas.

- Olá primavera, eu gostaria que me apresentasse a casa.

- Primavera atenda a todos os pedidos do Sr. Topsy!

- Sim Senhor, certamente que sim!

- David, volto aqui para buscá-lo para o jantar.

- Tudo bem Sr. August.

- Primavera, que bom que posso estar aqui, a casa é muito antiga não é mesmo?

- Sim, como todas as casas daqui!

- Primavera, eu sinto que as pessoas estão me ocultando algo.
Você poderia me dizer o que acontece aqui, que eu não saiba ainda?

- Tenho uma pergunta também, como meu Tio Earl morreu?

- Seu tio morreu do coração!

- Entendo, foi ataque cardíaco?

- Sim!

- David, você resolveu ficar então?

- Primavera eu não estou certo disso ainda!

- Por favor, fique!

- Você quer que eu fique?

- Sim, você me lembra muito o Earl e eu o amava muito!

- Primavera, eles falaram em casar com você! Esta é a lei por aqui?

- Seu tio Earl me amava David!

- E você o amava?

- Sim, muito, ele foi capaz de deixar tudo por mim!

- Deixar tudo por você, deixou o quê? Eu não estou entendendo.

- David, eu preciso lhe contar, você precisará relegar todos os costumes que um dia participou para aceitar as nossas crenças, você também se casará com a viúva de algum cidadão desta cidade e

abandonará a sua vida, pois não podemos manchar os nossos costumes com os advindos do mundo exterior. Se não o fizer, perderá as suas terras.

- Vocês fazem parecer que eu estarei assinando uma sentença de morte! Quer dizer que se eu não aceitar, terei que ir embora daqui e perderei tudo?

- Certamente que sim, esta é a lei.

- Mas por que você se submete a esta lei?

- Eu não tenho para onde ir, e amo este lugar, cresci aqui, para onde eu iria?

- E por que você não fugiu com o meu tio Earl?

- Isto é impossível!

- Impossível? Não entendi!

- Seu tio amava aqui também!

- Ah sim! Entendo...

- Você gostaria de conhecer os estábulos?

- Eu e o seu tio cavalgávamos por estas terras, nos sentíamos muito livres quando andávamos a cavalo.

- Primavera, você é uma mulher tão jovem, você ficou casada com meu tio por quanto tempo?

- Alguns anos!

- Mas você me parece tão nova!

- Nosso estilo de vida permite que não envelheçamos facilmente.

- E como é o seu estilo de vida?

- Diferente do seu, pois só comemos o que plantamos e colhemos.

- Entendo.

- Venha, você gostaria de andar comigo a cavalo?

- Sim, certamente que sim!

Os dois cavalgaram juntos, mas em dado momento o cavalo de Primavera foi abordado por uma cascavel e pelo terror correu em disparada.

David acelerou, mas era tarde... O cavalo a jogara em meio às folhagens, David desceu com ímpeto do cavalo e segurou Primavera em seus braços; a jovem estava desacordada. Mesmo desmaiada, ela exalava um perfume de sedução. Ele deu batidinhas em seu rosto, e gritou: - Por favor, acorde!

- Primavera, você está bem?

- Estou com um pouco de dor de cabeça, mas estou bem!

- Ela o olhou e ficou a cinco centímetros dos lábios dele, e com olhares cobiçosos os dois quase selaram um beijo.

- David, nós precisamos voltar, já está anoitecendo.

- Primavera, espere! Ele a segurou firmemente pelo braço e disse, venha aqui!

Os dois se beijaram ardentemente, ele sentiu o perfume dela, um perfume de flores frescas e o sabor do seu beijo, o beijo mais saboroso que provara na vida.

- David, não podemos!

- Primavera, se eu resolvesse ficar, eu poderia me casar com você?

- Sim, você quer isso?

Ele não respondeu...

Primavera então o beijou com um beijo cálido e afetuoso.

- Primavera você é uma mulher muito cálida, acho que meu tio suspirou por tê-la!

- Ele me amava, David, e eu também!

- Mas você seria capaz de me amar?

- David, você é como o seu tio, eu vejo os mesmos olhos doces e o mesmo desejo revolvendo no seu toque, eu seria inteiramente sua, certamente!

- Mas você seria capaz de deixar tudo por mim?

- E o que eu teria que fazer?

- Aceitar os termos e ficar!
- E se você fosse embora comigo?
- Eu não posso!
- Por que não pode?
- Você não entenderia!
- Fale-me, por favor!
- Eu morreria se saísse desta cidade!
- Como, o que diz?
- Eu não posso dizer mais nada!
- Primavera, espere!

- Precisamos ir, não estamos debaixo do julgo das suas leis, aqui as coisas funcionam diferentes. Se o Sr. August nos encontrar aqui sozinhos, poderá entender outra coisa, precisamos voltar!

- Está bem, voltaremos, mas antes, espere!

Ele a beijou ardentemente e sentiu que a mulher realmente se entregara a ele com a mesma paixão.

- Agora vamos, por favor, David!

- David, que bom que está aqui, vamos para a minha casa! Disse o Sr. August.

- Sr. August eu preciso ficar um pouco sozinho, amanhã terei que dar a resposta, o senhor se importa se eu ficar aqui em minhas terras?

- Primavera, venha conosco!

- Ela não pode ficar?

- Certamente que não, ela virá conosco!

- Primavera, obrigado pelo dia maravilhoso!

David aquela noite ficou no velho casarão, e viu fotos da jovem espalhadas por toda a casa, a mulher era realmente linda e perfeita, então ficou intrigado:

- Onde estão as fotos do tio Earl, elas não estavam ali, em nenhum lugar.

As fotos de Primavera pareciam antigas e ainda assim ela era a mesma. Ele resolveu olhar na casa para ver se encontrava alguma coisa de seu tio. Nem roupas havia.

Aquilo o deixou muito confuso e as palavras da jovem eram muito estranhas, ele deixou tudo por mim! As viúvas se casam com os jovens. Algo há de errado nisto tudo. Ele entrou no quarto de Primavera e viu roupas cerimoniais, roupas brancas, e então encontrou um livro, um livro com registros de vários nomes, mas só havia nomes de homens, o primeiro registro datava de 1500 a.C. Ele olhou com estranheza para os registros e então pensou:

- Que disparate é esse, só nomes de homens? Ao lado de cada nome um ano. O livro parecia ser uma coletânea de pergaminhos e o último registro o deixou estarecido, era o nome do seu tio Earl.

- Meu Deus, o que será que acontece aqui?

Ele olhou e dentro do armário havia uma pintura muito antiga: Havia mulheres lindas vestidas como deusas, cercadas por homens em redor, que as serviam com uvas. O mais estranho é que ali sentada como num trono estava Primavera.

- Meu Deus, eu só posso estar alucinando, esse livro é antigo demais, os registros mostram nomes de homens desde antes de 1500 a.C. Isto não pode estar acontecendo!

A seguir, numa arca, ele encontrou algo mais perturbador ainda, uma imagem de homens enclausurados num inferno de fogo.

Então ele se lembrou de Angelus.

- Meu Deus eu preciso sair daqui!

Quando ele pegou suas coisas para ir embora, uma multidão o tomou em fúria e o levou consigo para o ritual de anunciação.

- Você teve a chance de sair, mas resolveu selar a sua escolha!

- Escolha, eu não fiz escolha nenhuma!

- Você a beijou!

- Eu beijei algo inumano, ela não é uma mulher.

- Nossas mulheres são deusas, e você terá a chance de servir a Deusa Primavera.

- Mas vocês, vocês são todos homens, morrerão por elas? Não percebem isso?

- Nós não morreremos de verdade. Estaremos rumando para um lugar melhor!

- Se tivesse lido os termos saberia que o aceite do contrato era o beijo.

- Mas nós fomos todos enganados, não percebem?

- Agora é um de nós.

- Não eu não sou!

Diante dele a mulher que antes era uma linda mulher, se transformou numa grande serpente.

- Assim que eu sugar sua essência, no decorrer de um ano, eu estarei jovem novamente.

- Sim, Ó Deusa primavera, nós te congratulamos!

- Angelus, socorro, salve-me! Você pode me ajudar, eu sei que sim, é disso que falava! Eu não fiz escolha nenhuma.

- O anjo desceu do céu em fulgor, o pegou pelas mãos e o levou consigo!

- Você não pode interferir, ele é meu!

- Não tortura do inferno, ele fez uma escolha!

A vila e os seus habitantes então sumiram diante deles, no lugar apareceram pastagens secas e negras, como se um grande incêndio acabara de ter acontecido e o fumo e o odor de enxofre era difícil de não se notar.

- David, você foi o único que não assinou o contrato!

- Eu imaginei que sim! Mas aquela serpente, disse que o beijo o selara.

- O demônio mentiu para você.

- Se eu tivesse assinado, o que aconteceria comigo?

- Você estaria aprisionado, pois se esqueceria de tudo, e no decorrer de um ano, sua vida seria trocada em favor da juventude daquele demônio.

- Oh Angelus, obrigado!

- Não agradeça a mim, há um Deus melhor para se servir, você entende agora?

- Meu Deus, obrigado!

- Senhor, fiz como me foi mandado! E desapareceu diante do jovem.

David seguiu seu caminho jubiloso, sabendo que uma maravilha acontecera ali. Sofreu por seu tio, mas ainda seguiu seu caminho radiante, estava livre, mas agora, realmente livre.

O Anjo Negro

Sob a luz do luar numa cena fria, escondido... Imerso na escuridão, está aquele que ninguém nem em seus maiores devaneios jamais ousou pronunciar o nome; o Inominável, o dos olhos ávidos, sedentos em brilho; desejosos por desfrutar os últimos suspiros de suas vítimas.

Incólume, fitava os transeuntes enquanto a noite o encobria com seu negro véu. Não, ele não pretendia ser visto... Sua sede o levava aos mais sórdidos e pérfidos intentos... Mas sim, só ele sabia o quão significativo era o seu beijo, o Beso De La Muerte (Beijo da Morte), por isto se ocultava nas sombras, as sombras que o alentavam, que o acolhiam da forma mais cálida e doce que alguém poderia imaginar...

Naquela hora a Lua trazia à sua pálida face uma alegria delirante, e por quê? Diriam! Por que em momentos como este os tolos humanos levados pela sua estultícia ficam mais suscetíveis e displicentes, e em cada rompante amoroso destes descuidados se aviltava a acolhida do Anjo Negro, ávido por provar o seu licor acre pulsante.

Este Anjo caído se embevecia nas noites enluaradas. Pobre Lua que alimentava a sua fome pelo desespero de outrem. Não sei ao certo

precisar o porquê de tamanha impiedade, suspeito que tenha sido despertado nesta mesma cena páfida; sim, pelo beijo da cruel amante que o selou na Morte, Cassandra, a Harpia que sorveu sua vida e que, com o seu canto desesperador, o iludiu para o mundo das almas perdidas. Ele, o outrora caminhante errante foi transfigurado no arpejo último da negra e eterna escuridão para o suplício de muitos desavisados...

Na penumbra, postado no mesmo beco escuro, úmido e lúgubre, ele disfarça sua fome desesperada pelo ardor que pulsa de seus corações, perscruta seus sentimentos íntimos, os anseios vívidos de seus corpos que pulsam inundando as veias de vida. Sim... O gosto do ávido sabor, o sabor de milhares de mortes que nutriram sua sede de sangue garantindo uma sobrevida sem esperanças, desalentos, temores ou culpas...

Valeska

Valeska era a moça mais desejada da cidade de Los Anjos, herdeira da mais antiga horda de ciganos. Los Anjos abrigou este povo que descendem de nômades que se originaram na Hungria e percorreram o mundo semeando sua herança e costumes pela Itália e Grécia até chegar ao Estado de La Clave. Os ciganos são cheios de segredos, são relíquias de um mundo já perdido. Seus sortilégios,

encantamentos e poções foram trazidos de eras remotas, de quando o mundo acreditava em magias... Quinhões, legados esquecidos, mas valiosos para este povo.

Glácomo, o pai, também era o patriarca de seu povo e por guardar os preceitos de sua raiz antiga, não permitia que Valeska se embrenhasse nos costumes dos habitantes de Los Anjos, mas Valeska tinha uma idéia controversa sobre a submissão; alheia às suas tradições se escondia do seu passado esperando perscrutar novas experiências.

Entre os gitanos mais poderosos estava Núbia, a velha do clã. A anciã por inúmeras vezes lembrava Valeska das responsabilidades para com seu povo e sobre a herança que eles tinham a obrigação de deixar para o mundo, só que Valeska tinha um espírito livre, e quem seria capaz de domá-la?

Bem, na sexta-feira do vigésimo sexto dia de outubro, Núbia procurou Valeska... Estava perplexa com as visões que tinha tido durante a madrugada, também já fazia dias que cercava a cigana querendo adverti-la de perigos que ela tinha pressentido. Núbia encarava Valeska com olhos suplicantes por falar-lhe, mas quando seus olhos se encontravam, um arrepio tomava conta da moça, que se esquivava do encontro.

Valeska descendia de uma Linhagem de videntes, e teve um presságio dias antes que um mal cercaria seu povo, temendo por eles e por si mesma, decidiu se esquivar desta revelação e preferiu esquecer

aquelas visões; pois o vislumbre daquele futuro repentino a amedrontava.

Mas Núbia insistente clamou:

- Valeska! Filha... Venha a mim!

- Não posso agora, Núbia. Amanhã irei a ti!

- Valeska, sabe que tenho algo para ti, não se esquive de mim!

- Sim, Núbia, eu sei! Amanhã...

- O que tenho para ti é importante, mudará tua vida!

- Eu tenho certeza que sim, amanhã, Adeus!

Valeska era assim, arredia mesmo diante de autoridades e Núbia não era qualquer autoridade; era a anciã mais sábia de seu povo, ainda assim, Valeska se esquivava de suas responsabilidades. Acho que isto se devia a forma como foi criada; com muitos mimos! Foi uma criança querida por todos que a conheciam.

E Valeska tornou-se um pecado de mulher, não havia mulher mais formosa à vista, olhos profundos de Jade, pele de um leve ardor moreno, de curvas delineadas e de um ar faceiro, romântico e desvairado.

Desejo era o significado perfeito para esta gitana, a cidade de Los Anjos nunca acolheu os ciganos, mas Valeska era um capítulo a parte a esta história, digo isto, porque a moça era vista todos os dias, vendendo

os cravos que plantava, no círculo de flores da cidade. Não era só vista, mas cobiçada e desejada por todos os varões do local.

É bem verdade que dezenas de floristas expunham dia a dia suas flores na praça central de Los Anjos, mas Valeska os superava em vendas por seu jeito arredo e sensual que arrebatava a todos. As mulheres ofendidas, em torpor se esquivavam levando consigo seus maridos e enamorados; já os comerciantes e os jovens garbosos cediam aos apelos de pecado daquela mulher; levavam consigo todos os seus cravos e diziam: “Ela têm os melhores cravos; de um perfume inigualável; como não comprá-los!”

Homero, o filho do prefeito, era o homem mais imponente do local, dotado de várias qualidades e de uma arrogante insensatez que lhe era familiar; deferia a ela todos os seus olhares... Hipnotizado com a beleza pura e selvagem daquele feitiço de mulher se esmerava por chamar a sua atenção. E quando não conseguia, apertava-lhe os braços como se fosse seu dono, ou a merecesse.

- O que fazes aqui cigana, sabe que não és bem vinda aqui!

- Sou tão bem vinda quanto tu. E quem pensas que és para segurar-me? Solte-me ou verás com quem estás lidando!

- Cigana, não sejas tola, sabe que esta cidade é minha e se me deres o que desejo, dar-te-ei carta branca para que vendas tuas flores aqui. Ninguém jamais te importunará, basta me aceitar como teu!

- Por quem me tomas, jamais cederia aos caprichos de um homem desprezível como tu.

- Guardas, prendam esta desordeira!

E era assim todos os dias... Homero a provocava esperando pelo momento em que ela dançaria na praça, pois logo que os guardas faziam menção de prendê-la, Valeska tomava em punhos suas castanholas e punha-se a bailar; e tantos quantos a vissem eram embalados pela ginga daquela linda mulher cigana que, como uma ninfa sem asas, rodopiava diante de uma platéia de expectadores atentos. E lhes asseguro, nem mesmo as mulheres podiam resistir a tal apelo, quanto mais os guardas! Ficavam hipnotizados com a beleza daquela cena e daquela mulher.

Valeska não precisava ceder àquele abuso diário, mas ela se alegrava por estar com aquelas pessoas... Na verdade, ela anelava por isto! Seu desejo único sempre foi ser aceita por todos da cidade. Mas como acolher uma cigana? É possível que os cidadãos de Los Anjos ficassem fascinados pela a sua beleza e por sua dança vadia, mas ainda assim ela era a cigana, e os ciganos eram os vagabundos que viviam nos arredores da cidade; ladrões e desordeiros, assim pensavam todos os cidadãos de Los Anjos.

Mas não eram todos os que lhe deferiam honras; quando chegava às tendas de sua família, seu pai logo a repreendia:

- Valeska, minha valéria, não dance para aqueles gadjes!

- Não se preocupe papai, sou gitana, nada mudará isto!

Ele não conseguia, mesmo que quisesse inflar-se de raiva em sua presença, o olhar de Valeska era tão cáldo que até ele sucumbia aos apelos da filha amada. E dizia:

- Oh, Luz da minha vida! O que farei contigo?

- Nada papai! Só me ame!

- Sabe que sim, minha pedra preciosa, minha Jade de grande valor! Como não amá-la?

E então o beijava na bochecha e saía dançando e cantando de sua presença.

O Encontro com Núbia

Núbia também era feiticeira e dominava os poderes da natureza, ela levava consigo um cajado de proteção com um cristal incrustado e o brandia a quem quer que a ameaçasse ou ofendesse.

Conforme havia intentado, Núbia chamou mais uma vez Valeska, e outra vez ela tentou se esquivar da velha! Impaciente, desta vez, Núbia pegou seu cajado e bateu no chão, então o céu se enegreceu de repente, e, diante dela Valeska temerosa disse:

- Núbia, está bem, guarde teu cajado, diga o que te tens preocupado, desta vez te ouvirei!

- Não brinques comigo Valeska, sabes da Magia Gypsia, mas a estás ignorando!

- Eu tive uma visão, vi nosso povo partindo de Los Anjos!

- E por que te calaste menina?

- Não quero ir embora daqui; tu sabes Núbia!

- Mas o que te prende aqui Valeska?

- Eu não sei bem, sei que algo me chama... Todos os dias eu sinto que algo espera uma posição minha, por isso não quero ir-me daqui.

- Valeska, tu queres um Amor impossível!

- Não Núbia, eu vi o olhar dele numa visão, seu olhar era macabro de início, mas depois se tornou terno como nenhum outro já visto por mim.

- Tu falas do filho do Prefeito?

- Aquele fanfarrão do Homero? Não, jamais ficaria por ele!

- Este eu nunca vi pessoalmente, Mas a visão era tão real, que me atraiu para si e eu fiquei perdida de Amor.

- Por isso te chamei Valeska!

- Vi uma indecisão no teu caminho, eu vi trevas profundas te perseguindo, mas também vi um sol se abrindo no horizonte! Algo está ligado a este homem de tua visão, pois vi olhos de um homem selvagem, e confesso; perturbadores... Ele segurava teu pescoço com decisão, como se fosse tomar tua vida!

- Não Núbia, não digas isto, este homem é o meu Amor destinado, tenho certeza!

- Valeska, não digas tal sandice!

- Eu creio, Núbia!

- E casarás com um gadje?

- Não tenho escolha, vi no meu destino!

- Não sejas tola menina, teu destino está junto ao teu povo!

- Dá-me tua mão!

- Não!

- Dá-me tua mão, Valeska!

- Não, Núbia, não desta vez!

- Menina insolente, do que tens medo?

- Não temo meu destino, já o aceitei!

- Então terás que confrontar este homem, mas saibas que ele não é o que tu esperas!

- Por que dizes isso?

- Ele tem a maldição como selo.

- Não digas isto, Núbia!

- Foi o que vi! ... Minha pobre valéria, o que desejas não te trará nenhum alento! Mas já que escolheste teu destino, procure pela mulher chamada Cassandra.

- Quem é Cassandra? E onde a encontrarei?

- Vai ao filho do prefeito, ele terá as respostas que procuras.

- Homero?

- Sim, é tudo o que tenho para ti.

- Está bem, se for para calar a dúvida que tenho em meu coração, eu irei!

Valeska encontra Homero

Valeska decidiu encontrá-lo à noite, sabia que as pessoas não aceitavam os ciganos e se a vissem perto dos arredores de suas casas, pensariam o pior.

Valeska pegou uma pedrinha e jogou-a numa das janelas que estava acesa, e nada, repetiu por duas vezes e então viu Homero.

- Homero, sou eu, Valeska!

- Valeska? E ele pensou, não acredito, ela veio a mim!

- Valeska o que fazes aqui, decidiste selar nosso amor? Disse isso em tom sarcástico.

- Não sejas tolo Homero, preciso de tua ajuda!

- Menina tola, e o que te faz acreditar que devo ajudar-te?

- Sei que não me negarás nada Homero. Tu és petulante eu sei, mas também és um homem de valor!

- Ainda bem que sabes! Disse isso tentando disfarçar sua vergonha.

- Bem, o que desejas cigana?

- Homero, tu conheces uma mulher chamada Cassandra?

- Cassandra, não, nunca ouvi falar de tal mulher; a não ser minha tia avó, ela se chamava Cassandra.

- Preciso falar com ela, onde está?

- Bobinha, minha tia avó já está morta, na verdade ela estaria pelo tempo, já que se passaram cem anos, seu último paradeiro foi nestas cercanias, num instante estava aqui, no outro já não mais. Estava enamorada pelo meu tataravô; o pobre ficou tão perdido quando esta sumiu que tentou se suicidar, não fosse Sarah minha tataravó ter o encontrado, eu não existiria.

- Cassandra era sua tia avó?

- Sim, irmã de minha tataravó Sarah!

- E ela sumiu!?! Então não entendo por que Núbia mandou-me a ti!

- Núbia?

- Sim, Núbia, tu a conheces?

- Minha tia avó tinha uma amiga de infância chamada Núbia, no dia em que sumiu, ela deixou algo aqui em nossa casa para o meu tataravô; uma caixa que nunca foi aberta.

- Vou te dizer algo; não me orgulho muito disso, mas acho que devo falar-te já que estás tão aflita por conhecer minha tia avó. Meu tataravô era um homem meio estranho, no dia em que Núbia trouxe esta caixa, ele fez minha família jurar que a entregaria a quem um dia viesse perguntar por ela. E por causa deste juramento, de mãos em mãos esta peça nos foi passada; confesso que acho isso tudo uma sandice, mas ele nos assegurou que se os seus familiares não fizessem isso seriam amaldiçoados. Desde então guardamos esta caixinha de mogno, e acredite se quiser; jamais a abrimos.

- Meus familiares acharam que foi Núbia que seqüestrou minha tia avó, mas esta moça também nunca mais foi vista. Escuta, tens mesmo certeza que a viste?

- O que Núbia deixou para teu tataravô?

- Venha, tenhas o cuidado para não acordar ninguém, a esta hora estão todos em seus quartos, mas vou te mostrar.

Ele a levou até o sótão do casarão dos Kardosz. E disse: - Foi isto que Núbia deixou.

Diante de Valeska estava uma caixinha de mogno lacrada.

- Mas onde está a chave?

- Olhe no fundo da caixa, e lá estava a chave num compartimento secreto.

Valeska pegou a chave e com decisão fez menção de que iria abri-la.

- O que vais fazer, estás louca?

- Esta caixa está destinada a mim!

- Por que dizes isto?

- Eu sei o que tem dentro dela.

- E o que há dentro dela?

- Um colar com uma pedra de Jade incrustada; e uma inscrição antiga, que só os ciganos conseguiriam entender.

- Como sabes disto? Núbia te contou?

- Não, mas ao tocar a caixa eu vi numa visão.

Então abriu e de dentro da caixinha saiu o cordão de jade com uma inscrição antiga escrita num idioma romeno.

- Tu és uma bruxa!

- Não, sou vidente; e não tenhas medo, esta mensagem diz respeito a ti também, ouça!

- A mulher que procuras se perdeu, mas haverá uma entre os teus que salvará o inocente do ardor eterno.

- Entre os teus? O que ela quis dizer?

- Homero, dize-me, quando tua família chegou a esta cidade?

- Somos os fundadores dela!

- Sim, mas de onde vieram?

- Viemos da Hungria!

- Hungria? Deixe-me ver a foto do teu tataravô!

E naquela foto estava a verdade oculta durante um século, Núbia já havia falado sobre um ramo de sua família que abandonara os costumes dos gitanos, vindo aportar no novo mundo. Se os visse novamente, os reconheceríamos pela insígnia do seu povo; gravada em suas mãos.

- Homero, seus avós disseram para ti o que significa esta tatuagem nas mãos de teu tataravô?

- Não, por que perguntas menina? Sempre achei que meu avô tivesse sido um pirata que decidiu aportar em Los Anjos para se livrar de crimes do passado; e a tatuagem era a sua marca.

- Homero, temos parentesco! Tu és gitano também!

- O quê? Estás louca!

- Pergunte a tua família?

- Como? Não sejas tola Valeska! Se minha família soubesse disto eu também saberia.

- Bem, o que eu posso dizer-te com certeza, é que esta insígnia nas mãos de teu tataravô é a insígnia de meu povo.

- Não pode ser Valeska, eu sou neto de um vagabundo?

- Oras! Seu impertinente, por quem nos toma? Se pirata, tudo bem, agora ciganos não pode!

- Desculpe, neto de andarilhos.

- É Homero, está completamente resolvido, somos primos.

De repente, diante dela ele soltou uma verdade que há muito estava escondida, que ele nem em todos os seus maiores delírios jamais ousou tocar.

- Então podemos nos casar!

- Casar? Tu se casarias comigo?

- Eu te amo menina, não vês? Sei que és uma mulher arredia demais, jamais pude chegar mais próximo a ti, tu nunca me deixaste. Fiz-me de arrogante para tentar te impressionar, a verdade é que te amo, sou louco por ti!

- Homero, pára! Não sejas tolo!

- Te amo cigana, case-se comigo!

- E onde fica o Amor?

- Sei que me amarás, meu coração é e sempre será teu!

- Pára Homero, meu destino está ligado a outro.

- Não! Não me rejeites, por favor Valeska, te amo!

- Homero, mal o conheço!

- Tome a minha mão, pode lê-la, saberás que o que sinto é verdadeiro.

- Não é assim que funciona, Homero!

- Então vai, vai à busca da tua felicidade, maldita cigana que devasta meu coração, tu és uma pedra de gelo Valeska, mesmo sabendo que sou cigano também; ainda pouco me revelaste isto, e acreditei em ti.

- Homero, não faças isso!

- Mas claro, não sou suficiente para ti! Eu sabia que não, você é por demais maravilhosa para mim, então, não me amargures mais, vai! E gritou para ela: - Vai!

- Está bem, eu vou! E olhando para ele em despedida disse, eu sinto muito!

Mas mesmo depois de ter sido desdenhado, Homero num tom mais doce possível, disse:

- Não tem importância Valeska, não posso te desejar mal, não a ti! Mas vai, pois não quero que me vejas assim! E ela viu o seu rosto ardendo em lágrimas.

- Homero! Eu sinto muito!

- Não, não sinta, vai, por favor! Vai!

- Está bem!

Valeska saiu do velho casarão dos Kardosz, doída por dentro, por que Núbia fez aquilo? Devastada por aquele rompante de Homero, ela percebeu que o magoara profundamente. Pobre Homero, mas como amar alguém que nunca se conheceu em verdade, e ela que sempre o achou um intragável. Seria possível que talvez ele fosse o homem do seu destino, com aqueles olhos cálidos de sua visão? E os de Homero não eram diferentes, ela pensou.

- Pobre Homero, que homem doce ele acabou se tornando!

Ela por alguns instantes quase se esqueceu que tomara a pedra de Jade de suas mãos, enquanto ia em direção as tendas de sua família.

- E esta pedra? O que significa? Núbia, tu me deixaste mais confusa!

O Colar de Cassandra

Valeska, sentida pelos últimos acontecimentos, sentou-se numa pedra e ficou a fitar o céu, a lua estava plena naquele dia, o céu tão estrelado que a fez suspirar por tão rica beleza, e por que aquela atmosfera de paz também inundava o seu ser. Ela fitou o colar com a pedra de Jade, de um verde tão límpido, nítido e hipnotizante que, por instinto, acabou colocando em seu pescoço.

Mais além... Aquele que estava alheio aos acontecimentos, nutrindo sua fome, de repente foi desperto. Seria possível? Era a sua pergunta.

- Ela me chama, eu sinto!

Seus olhos vermelhos, gananciosos, se iluminaram de um verde arrebatador como se fossem dois faróis em meio à escuridão.

- Sim, ela resolveu se manifestar. Minha Cassandra! E começou a clamar forte como seu um feitiço o tivesse guiando.

- Cassandra, vem a mim meu Amor!

- Vem a mim, teu cálido Anjo Negro te espera!

No mesmo instante como que num transe, Valeska levantou-se da pedra e caminhou em direção oposta às campinas onde estavam instaladas as tendas de seus familiares.

Naquele mesmo momento aquém daqueles acontecimentos... Homero, como que por magia, também foi desperto, levantou-se e gritou: - Valeska! E pensou:

- Um perigo se aproxima, preciso ir até ela!

Ele não entendia o porquê daquele sentimento insano, mas tomado por uma força interior como em um momento de mais pura lucidez, foi ao encontro de sua amada.

Valeska caminhou com decisão durante alguns minutos, e subindo uma ladeira, já se aproximava do beco escuro, onde Arthur estava. Na verdade não o Arthur, pois não havia mais nenhuma lembrança do que ele havia sido; o homem já morrera a anos, nele só residia a fera bestial sedenta de sangue; e um leve resquício de um sentimento de um amor perdido, que agora o guiava.

Quando o vampiro pôs os olhos em Valeska, gritou:

- Pára!

- Quem és tu?

- Sou Valeska!

- Onde está Cassandra?

- Não conheço nenhuma Cassandra!

- Mas como é possível? Tu tens o colar de Cassandra.

- Foi-me dado, é-me um tesouro destinado! Ela disse com decisão, mas não em juízo perfeito, pois estava sendo levada pelo feitiço do colar.

- Claro, meu Amor está morto, por que pensei tal sandice, eu mesmo a vi morrer!

Então em visões, Valeska disse:

- Tu procuras teu amor antigo, não o encontrarás até que te redimas do mal que escolheste!

- O que tu dizes, mortal?

- O que precisas ouvir!

E quando ele olhou para ela, ainda estava sobre o feitiço do colar.

- Tu és cigana?

- Sim, sou gitana!

Quando acabou de dizer isto, Homero chegou e gritou o seu nome.

-Valeska, meu amor!

Então Valeska foi desperta do feitiço, e o Anjo Negro se escondeu na plenitude da escuridão do beco.

- Homero, o que fazes aqui?

- Valeska, meu amor! Graças a Deus, estás bem!

- Por que dizes isto? Claro que estou bem!

Então, sem que a avisasse Homero a toma em seus braços e a beija. De início, um beijo forçado, mas após alguns instantes, cedendo aos seus apelos, Valeska retribuiu o beijo. E naquela mesma atmosfera de amor eles se entreolharam com um olhar desejoso; porém desperta para a realidade, a cigana esbofeteou o pobre rapaz!

- Auuuuuuhhh!

- Como ousas?

- Valeska, meu amor, desculpa-me! Mas tu estás bem?

- Não me chames de teu amor! E claro que estou bem!

- Eu senti que estavas em perigo! E vim o mais rápido que pude!

- Mas que bobagem é esta que dizes, não estou em perigo; não vês? Hei, espere... Não me lembro de ter chegado aqui! Eu estava sentada numa pedra admirando as estrelas, como vim parar aqui?

- Valeska, vamo-nos daqui, este lugar é perturbador! Eu sinto um perigo que nos espreita!

- Que bobagem, aqui não há perigo algum!

- Mas está bem, acompanhe-me até a minha casa, pois provavelmente não estou no meu juízo perfeito! Por que não me lembro de ter chegado aqui? Que estranho, nunca agi assim!

Homero a pegou pelo braço e a levou, enquanto Arthur o imperdoável a observava. Seu cheiro o inundava, dela saíam dois desejos infindos, o cheiro doce do sangue que lhe aguçava a fome, e outro mais intenso e muito mais ardente, que o fazia se lembrar do seu antigo amor.

- Ah, ardilosa cigana, teu feitiço que me lançaste é forte, mas quando fores minha, saciarei a minha fome! E quanto ao meu desejo por Cassandra, forçando-te, tê-la-ei mais uma vez, ainda que na lembrança.

- Tola, a morte te selou quando cobiçaste o colar de meu Amor para si!

Então ele olhou para um rato que passava, agarrou-lhe, rasgou o pescoço e sugou todo o seu sangue, e disse:

- Por hora isto basta! Mas amanhã volto para encontrar-te, prepare-te cigana, pois será o último dia em que verás a luz do sol! E riu como uma risada cadavérica.

O Beijo de Homero

Valeska chegou salva em casa, e foi recepcionada por seu pai:

- O que fazias a esta hora da noite fora de tua tenda? E este? É o filho do prefeito?

- Desculpe senhor, não se preocupe com Valeska, sua filha tem um coração nobre e honrado, nada aconteceu! Eu vim acompanhá-la tão somente para que não viesse sozinha para casa!

- Valeska, por que estavas sozinha à noite com este jovem?

- Papai, fui andar, estava sem sono, não viste que a noite está enlurada?

- Não me respondas deste jeito sua atrevida?

- Calma papai, sabes que sou pura e em extremo sábia para não me entregar a qualquer um!

- Quanto a ti rapaz, que ousadia acompanhares uma jovem sem a anuência de sua família?

- Sim, senhor, perdoa-me, não quis abusar de tua hospitalidade, mas temi por ela estar sozinha à noite. Conheço-a da praça, ela vende os melhores cravos, o senhor sabe... E agora que sei que Valeska está bem, eu devo ir!

- Está muito bem, boa noite! Vai, vai! Disse o pai.

Assim que Homero saiu, o pai a interpelou:

- Valeska, perdeste o único juízo que te restava?

- Não papai, não me trates assim, sabes que sou responsável!

Afinal, confias ou não em mim?

- Bem filha, eu confio!

- Então por que ages desta forma?

- Está bem meu tesouro, não vou perturbá-la mais! E fez menção de ir para fora da tenda, mas parou...

- Filha!

- Diga papai!

- Tu o amas?

- Não sejas tolo papai, mal o conheço, ele só fez-me uma gentileza!

- Bom, assim está bom!

- Mas filha!

- Que é papai?

- Se o amasses, dirias a mim, não é?

- Papai, acaso já escondi alguma coisa de ti?

- Não minha filha, nunca!
- Então não te preocupes, vai dormir!
- Caríssima, te amo, Tu sabes não é?
- Sim, meu amor, eu sei que sim! E beijou-lhe a testa!
- Não te preocupes comigo papai, estou bem!
- Está bem, boa noite!
- Boa noite!

Quando seu pai a deixou, Valeska foi inundada por vários sentimentos por Homero, sentiu raiva pela sua ousadia, e desejo pelo seu beijo ardente, o sentiu tão doce e cálido que até se esqueceu do homem de suas visões.

- Ah, Homero! Que beijo doce tens! Tu me deste o meu primeiro beijo, e que beijo!

- Mas que ousadia, ele roubou-me meu primeiro beijo! Havia prometido a mim mesma que seria de meu Amor verdadeiro.

- Homero, como te odeio! Seu impertinente, que audácia, como ousaste roubar-me um beijo! E outra vez pensou:

- E o olhar, que doce, não pensei que fosse tão decidido também!

- Meu Deus, o que estou fazendo? Estou inundada de sentimentos, não sei se o odeio ou se o amo?

- Valeska não sejas tola! Nem insana de querer amá-lo! Ele não pertence ao teu povo! Mas então se deu conta:

- Não, ele pertence sim! Meu Deus que indecisão! O que sei é que certamente não o odeio, mas não quero amá-lo! Será que não?

- Ah, vou dormir, senão vou enlouquecer!

Um Sonho de Horror

Valeska foi dormir, pois as horas já avançavam. Estava uma madrugada fria, e uma bruma se erguia entre as pastagens, o arfar das árvores frente a uma brisa gélida era o clamor último da noite que ainda suplicava por ser cortejada. A escuridão que se julgava solitária, apenas não sabia que sua imensidão também invadia os sonhos da cigana que dormia despreocupada envolta em finos lençóis de seda persa.

O sonho, como nenhum outro já tido, inundava os pensamentos de Valeska de sensações. Valeska se viu envolta em vestes brancas caminhando entre aquela bruma gélida, descalça. Seus passos estavam decididos apesar de não saber para onde ia, estava sendo guiada como que por um transe.

Percorreu por toda a extensão das campinas, os arvoredos, até chegar à entrada de Los Anjos, onde estava a Ponte da Aliança, a que fora construída pelos primeiros habitantes de La Clave, a ponte era

ornada de ervas em redor, e inúmeras carruagens haviam passado ali, pois séculos ela tinha.

Valeska respirou o ar da noite, e ficou contemplando admirada a cena da bruma que se erguia incólume sobre a ponte, abaixo, só se ouvia o som do riacho caudalante que percorria seu curso despreocupadamente.

Então ela se perguntou, por que estou vendo a Ponte da Aliança? Sem que esperasse, a lua e o sol passaram a se alternar diante de sua face, dias e noites passaram por entre seus olhos, como numa grande retrospectiva do tempo que insistia em reverter os dias diante dela.

Sem que percebesse o tempo parou, e não era mais noite, mas um dia ensolarado. Uma carruagem corria pelo caminho que dava acesso a Los Anjos como se estivesse descontrolada, os cavalos que a guiavam estavam sozinhos, não havia cocheiro, e uma dama aparecia na janela clamando por socorro.

Ao longe um cavaleiro montado num cavalo negro quase chegava perto da carruagem e gritava: - Cassandra, meu Amor, não se preocupe, vou salvá-la!

Uma pedra no caminho fez com que os cavalos tropeçassem, lançando a jovem mulher no riacho. Em seguida, e quase no mesmo instante, o jovem pulou na água, nadou e puxou a jovem mulher que estava quase morta em seus braços.

- Cassandra, meu Amor, respire, por favor!

Após alguns instantes de ansiedade, a jovem recobrou a consciência, e de seus braços se afastou.

- Arthur, o que aconteceu?

- Você caiu na água meu Amor, por sorte consegui retirá-la!

- Arthur, não me chame assim! Sabe que não o amo!

- Cassandra, não vê que é o destino, se não estivesse aqui, estaria morta!

- Arthur, obrigada, mas amo outro homem, você sabe!

- Não, Cassandra, por favor, fique comigo!

- Pare Arthur!

- Meu Amor, por que me rejeita?

- Não sou seu amor, nunca fui, pertenço a outro!

- Não, não diga isto!

- Adeus, Arthur!

Cassandra levantou-se decidida enquanto Novel a fitava ao longe.

Ele não pode ver sobre o que conversavam, mas quando os viu, foi tomado por um ódio ensurdecedor, de um ciúme que naufraga até o maior dos amores. Quando contemplou Arthur ao salvar sua futura esposa, apenas viu um homem ardendo de paixão a beijando.

- Novel, o que faz aqui?

- Miserável, por quem me toma? Achava que levaria a termo esta traição!

- Novel, você entendeu mal! Arthur tirou-me do riacho, veja a carruagem, está espatifada!

- Não adianta mentir mulher perversa! Acha que a tomarei em conta, vi quando o beijou, retribuindo-lhe seu amor!

- Hei, não diga isto de Cassandra! Ela diz a verdade! Além disto, somos amigos, você me conhece homem, jamais o trairia.

- Cale-se moribundo, você não é nada mais, hoje não será mais sobre a terra, a morte o perseguirá, pois roubou o meu amor!

- O que está dizendo, homem! Não lhe roubei nada! Cassandra não me ama. Antes de você cortejá-la, ela já havia me rejeitado.

Ainda assim, decidido, Novel o fitou com um olhar perverso e gritou:

- A maldição da morte te perseguirá, pois o amaldiçoou. Jamais terá outro amor, pois roubou o meu. A noite será a sua sorte, e vagará pelas eras como se não existisse!

- Não Novel, não o amaldiçoe, ele salvou minha vida! Cassandra sabia que Novel era um cigano, por isso temeu pela vida de Arthur.

- Cale-se miserável!

- Por favor, Novel eu amo você! Você é a minha vida meu querido!

- Mentirosa, insana, que destruiu meu coração, despede-se dos seus, pois hoje não existirá mais!

-Não!

- Meu Amor! Amaldiçoou-me?

- Para você não existe mais amor!

E foi-se embora, ardido de ódio, tentando deflagrar seu remorso.

Valeska contemplou a cena, e emocionada quis ajudá-los, mas diante dela as cenas se dissiparam e ela acordou gritando:

- Não, não, eu preciso ajudá-los! Mas se deu conta que estava em seu quarto e não poderia ajudar aqueles que só residiam em seus sonhos.

- Será que este sonho é um vislumbre do que aconteceu com a tia avó de Homero? Talvez seja por isto que este colar veio a mim!

Então seu pai sonolento entrou na sua tenda, assustado e gritando:

- Valeska o que houve filha? Estava gritando!

- Nada papai, desculpe foi só um pesadelo.

- Está bem, vou dormir então!

- Durma bem, papai!

Valeska ficou assombrada com aquelas visões, e então tomou a seguinte resolução:

- Preciso ver Núbia! Amanhã serei eu que irei a ti, Núbia!

Núbia morre

Logo depois do primeiro encontro com Valeska, Núbia foi tomada por uma doença inexplicável. A feiticeira morava numa tenda distante das de seus compatriotas. Por isso muitos não sentiram a sua ausência.

Assim que Valeska chegou, gritou:

- Núbia, sou eu Valeska, vim ver-te!

- Núbia, estou entrando, onde estás?

- Núbia, o que aconteceu?

- Menina, estou muito doente!

- Mas como é possível? Ontem tudo ia bem contigo!

- Estou morrendo, Valeska!

- Ó Núbia, não, preciso de ti, não se vá!

- Não temas minha valéria! A dúvida que tens se esclarecerá!

- Núbia, diga-me se há alguma poção que posso fazer para te ajudar!

- Já é tarde, menina!

- Não, não digas isto! Núbia, tu sabes o quanto te amo!

- Sim... Desculpa menina, terás que descobrir sozinha. Dizendo isto suspirou e morreu.

- Não, Núbia! Não, por que você?

Valeska a tinha como uma mãe, sua mãe natural morrera logo depois de seu parto; não a conheceu. Núbia além de sua parteira foi sua mentora por toda a vida e agora acabara por morrer diante de seus olhos. Valeska estava inconsolável.

- Núbia, por que não me disseste que estavas doente! Tu eras como uma mãe para mim! Ó Núbia, eu te amava! E chorou copiosamente...

Por duas horas ficou a fitar o corpo sem vida de sua mãe postiça e então se levantou e foi ao encontro do seu pai.

- Valeska, o que foi filha?

- Núbia morreu!

- Oh, não! Sinto muito filha, sei o quanto ela significava para ti!

- Estou bem papai, não te preocupes comigo, convoca todos, hoje a enterraremos!

- Sim filha, claro minha valéria, não te preocupes e a beijou na testa!

- Agora só tenho a ti meu pai!

- Valeska, não sofras filha, estou aqui contigo!

A celebração

À noite todos celebraram a partida de Núbia, muitos trouxeram flores, outros, pedras para colocarem em seu túmulo, mas Valeska estava invadida por uma tristeza inconsolável.

Todos dançavam cantando uma sonata cigana, e celebravam a sua partida, lembrando das facetas da velha mentora do clã.

Valeska não conseguiu ficar por muito tempo, levantou-se, pois sentia um desejo incontrollável de caminhar e de fugir daquele aperto que tomara sua alma.

E então o inesperado. Uma voz delirante passou a soar em sua mente, clamando absorta dentro de sua alma. E uma dor invadiu-lhe o peito, e ela gritou: - Não!

Valeska caiu no meio da estrada e ficou imóvel. Quando se levantou, já não era mais dona de suas vontades, outro a comandava da mais negra escuridão.

O chamado Imortal

- Vem a mim! Bela cigana... Vem a mim!

- Sim, irei a ti! Seus pensamentos foram inundados por aquela voz decidida e cruel que a arrebataram de sua vontade; fora de si, Valeska foi guiada para a Ponte da Aliança, seus olhos brilhavam cada vez mais, estavam verdes, mas de um reluzente brilho. O poder que o imortal Vampiro tinha sobre a cigana era imperscrutável; o colar, que era o elo de poder entre o vampiro e Cassandra, agora era o cárcere da pobre cigana.

Valeska chegou então à ponte, mas estava completamente dominada pelo poder do colar.

- Sim, cigana, fizeste bem em ter me obedecido! Mas estou intrigado, quem te deu este colar?

- Já disse, foi-me confiado, ele pertence a mim por direito!

- Não mintas a mim, acaso não temes a morte?

- A mulher que procuras se foi, mas o Amor que te enlaças ainda não morreu!

- Como ousas cigana! E quem és tu para saberes de meu Amor?

- Seu amor se chama Cassandra.

- Como sabes, acaso és uma bruxa?

Assim como antes, Valeska respondia a tudo, mas não era dona de seus próprios pensamentos, mas em alguns momentos o seu poder de vidente a guiava!

- Sou vidente, vi a maldição cair como um véu negro sobre ti.

- Sim, e hoje irás provar a mesma maldição, porque ousaste roubar o colar do meu único amor!

- Ela não era teu amor, era de outro!

- Como sabes disso, cigana maldita?

- Já disse, sou vidente, Cassandra morreu também por causa da maldição, e não pode pedir perdão ao seu verdadeiro amor.

- Que desproposital é esta intervenção, tua magia cigana me condenou a esta maldição da noite, mas quer saber, eu agora vibro por tê-la, é o meu grande alento, pois disperso a maldade que me fizeram no passado.

- Mas ela será quebrada!

- O quê, tu quebrarás a maldição? E gargalhou com todo o sarcasmo que lhe era familiar. Pegou-a pelo pescoço e disse:

- Cigana teu gosto me será precioso, mas não tenhas medo do meu beijo imortal, teu povo me deu este presente de grande valor, agora eu retribuo o favor!

Naquele mesmo instante, no momento em que estava prestes a tomar a sua vida, ele ouviu os cascos de um cavalo. E rindo disse:

- Os segundos que antecedem a tua morte, agora me dão mais prazer, teu amado está aqui, cigana!

- Meu Deus, o que és tu, o que fazes com Valeska?

A figura do vampiro era qual de um monstro, suas presas saltavam-lhe, e um sorriso devasso desenhava sua face negra.

- Ora, ora, ora, senão vejamos, este é o teu amado?

- Sim ele é Homero, o homem a quem amo!

- Valeska, como chegaste até aqui?

- Monstro, solte-a, por favor, não a mate, leve-me no seu lugar!

- E por que faria isto? Esta cigana maldita está destinada a perdição!

- Não, não faças isto, um homem tem mais sangue que uma mulher, por favor, deixe a ir, toma o meu!

- Estás disposto a perder a tua vida por esta cigana! Esta infame vagabunda!

- Por favor, eu a amo!

- Eu a matarei primeiro, depois cuidarei de ti!

Decidido o vampiro desceu as presas sobre o pescoço de Valeska, mas então o inconcebível aconteceu, o colar brilhou com uma luz tão reluzente que o vampiro foi impedido de prosseguir.

- Valeska abriu-se em visões e disse:

- Arthur! O tormento em que foste colocado foi injusto, assim como a morte daquela que amavas! Deves renunciar a este amor, e se redimir de seus pecados e obter salvação!

- Renunciar a um amor que nunca foi meu! Que sandice dizes, por causa da maldição que teu povo me imputaste, estou neste torpor eterno, destinado a vagar na noite e com esta fome que não se sacia nunca!

- Tu me redimirás? Teu povo me colocou esta pérfida maldição!

- E o meu povo a tirará!

Valeska segurou as mãos de Homero, e ele teve o vislumbre do que havia acontecido à Cassandra e ao Arthur e que seu tataravô Novel era o pivô de tamanha crueldade.

- Abra-te cigano, e quebre a maldição! Gritou Valeska a Homero.

- Como, meu amor?

- Quebre a maldição, tu sabes como!

- Ninguém quebrará maldição nenhuma, este é o meu selo, jamais a deixarei, ao contrário, hoje me vingarei de toda a tua família, começarei por ti e matarei a todos estes malditos ciganos!

Homero, decidido, beijou Valeska, retirou o colar do pescoço de sua amada e ela foi desperta da prisão do Colar.

- Homero?

- Sim, Valeska sou eu!

- Meu Deus, o monstro de minhas visões está aqui!

- Não temas meu amor, estou contigo agora!

O Vampiro podia acabar com eles a qualquer momento, mas estava intrigado com o que viria depois, e então esperou...

- Bem, então é assim, morrerão os dois!

- Não, hoje ninguém morrerá! Não mais...

Homero com decisão abraçou a Valeska e com o colar de Cassandra em suas mãos ele disse com toda a convicção:

- A maldição da noite está quebrada, o torpor eterno está vencido, te liberto do mal que te foi imputado. Vai Arthur e descanse de teus pecados, estas absolvido!

Pegou o colar e colocou nas mãos do vampiro. O Vampiro olhou para os dois e sua face se transfigurou e mais além no outro lado da Ponte da Aliança ele contemplou Cassandra, Novel o cigano e Núbia que o chamou:

- Vamos Arthur, chegou a hora!

Quando Valeska e Homero olharam em volta já não viram mais um vampiro, mas um homem jovem que chorava copiosamente. A negra escuridão do vampiro se dissipou por completo e ele disse:

- Não posso acreditar, são eles, Cassandra, Novel e Núbia!

- Vai-te em paz Arthur, e descansa junto dos teus!

Arthur caminhou seguro pela extensão da ponte e quando chegou ao outro lado, desapareceu com eles.

E então, quando se deram conta, já raiava o dia, e aquela cena fez com que Valeska e Homero se comovessem muito. Os dois abraçados choraram e o inevitável aconteceu; se beijaram apaixonadamente.

Então Valeska viu Homero sob a luz do novo dia que raiava e lembrou-se do olhar cândido do amor que ela desejou; o amor de suas visões, o que ela ansiou e feliz pôde perceber que... Já o encontrara.

John, um Anjo na Terra

John era um rapaz de boa índole, dono de um humor exacerbado agradava a todos que o conheciam. Na escola não era diferente; quando não cabia a vez de ser o presidente da turma, era cotado para vice. Todos o adoravam, os professores, por sua vez, eram fascinados com a mente brilhante do rapaz que transmitia muita genialidade e uma abundante alegria que sempre lhe favorecia.

Não era lá muito namorador, mas fingia-se ser; já que as meninas eram muito afeitas aos seus populares gracejos. Tratava-as com muita delicadeza e gentilezas que eram sua marca registrada para com as mulheres. Um rapaz assim parecia não ter nenhum defeito, e realmente não tinha; a não ser o fato de ser órfão, o que de fato não o desmerecia.

John era o segundo filho de uma família de cinco, seu pai era alcoólatra e sua mãe morrera com o irmão mais velho num acidente de carro. Seu pai bêbado era quem guiava, enquanto os dois filhos mais novos e John estavam com a avó.

Triste foi o fato, pois o mais velho só decidiu acompanhá-los para resguardar a mãe do pai sempre violento, que a espancava bastava haver uma oportunidade. A mãe era submissa e nada dizia diante da agressão que sofria freqüentemente.

A sua submissão e apatia acabou por tomar sua vida; o pai guiava o carro naquela noite vencido pelo álcool. O carro capotou no caminho, caindo na ribanceira, graças a sua imperícia.

Por uma ironia do destino a morte naquele dia não o encontrou. Salvou-se numa fração de segundos; a porta do motorista se abriu e o lançou para fora do carro no momento em que o carro virara.

John amava sua mãe e ressentiu-se do pai, sabia que o álcool havia vencido e levado a única que realmente se importava. Seu irmão mais velho era seu maior amigo e, naquela triste noite, perdeu os dois únicos amigos verdadeiros de sua vida.

John teve que encarnar um pai para os dois pequenos, pois o seu, mesmo inocentado das acusações (ainda levou-os consigo para outro estado) continuava ausente. As crianças também perderam o afago da avó, que mais tarde morreu de desgosto pela perda de sua filha amada.

Foi neste cenário que Raquel entrou na sua vida; ela era um anjo amigo. Seu pai continuava a nutrir seu vício pela bebida; apenas deixou de ser violento, mas continuava ausente. Como não havia quem cozinhasse ou ajudasse a cuidar dos menores, Raquel sempre arrumava um motivo para ficar e cuidar da casa e dos três meninos.

John adorava Raquel, não conseguia nutrir amor pela moça, pois a sentia como uma irmã. Os pequenos adoravam quando ela vinha;

sempre trazia doces ou guloseimas deliciosas que faziam a festa dos meninos:

- Raquel! Não sei o que seria de meus irmãos se não fosse você.
- Você é como uma mãe para eles.
- Não se preocupe John, faço o que é preciso, é minha missão!

Ela sempre dizia isso, e John sempre sorria e replicava:

- Mas que bobagem, se somos uma missão, você deveria arrumar uma melhor!

Ela sorria, corava sempre com as suas piadas, e dizia:

- Você não entende, mas vai entender um dia!
- É claro que entendo... Você é uma agente secreta do governo norte-americano! E só está aqui para desbaratar os agentes da KGB. Mas se pensa que eu sou o primeiro, está enganada; o mais novo, Peter, é o mandante-mor da milícia soviética.

- Ah sim é claro, tem que ser o Peter mesmo, já que os dois anos dele, bem vividos de puras traquinagens, o condecoraram como general!

- John, como você é bobo!
- Ah, obrigado pelo elogio, vê-se logo o quanto você me ama!
- Gosto de você sim, garoto! Você é especial.
- Especialmente lindo, não é mesmo?

- Não força a barra, John!

- Tudo bem, tudo bem, sei que sou o terror das mulheres, fazer o quê? E saía em disparada depois de dar um beijo na bochecha de Raquel.

- Oras seu...

Sempre que podia roubava-lhe um beijo e Raquel ralhando, ruborizava.

A b a a

John por ser muito popular conseguiu despertar o interesse de Argel, o jovem mais proeminente da região; que o via com muita frequência tentando inseri-lo no seu mundo de riqueza e luxo. Bem naquela sexta-feira não foi diferente:

- Meu nobre John, sabe que prezo muito sua amizade!

- Mesmo Argel, por quê?

- Ora meu amigo, você é muito especial, tenho muitas oportunidades para você.

- Que oportunidades?

- Participo de uma irmandade que conhece o segredo para o sucesso, eles estariam interessados em alguém tão bem sucedido como você.

- Eu, em que sou sucedido?

- Nunca conheci uma pessoa que fosse tão bem quista como você!

- Ah, isso lá é verdade! Mas é simples, basta ser generoso e amigável.

- Pois é isso que procuramos, gostaria de participar de uma de nossas reuniões.

- Bem, não sei ao certo, do que se tratam essas reuniões.

- Nos somos da irmandade The First Sunset (O Primeiro Ocaso) acho que conosco, você encontrará o que procura!

John era em extremo amistoso, mas tinha certo receio de estabelecer relações mais profundas com pessoas novas de seu convívio. Argel parecia ser bem intencionado, mas havia algo de soturno nos olhos do rapaz e aquilo o incomodava.

Raquel soube da investida de Argel e logo tratou de encontrar-se com o John.

- Oi John!

- Oi Raquel! O que houve?

- Não se aproxime daquele homem!
- Por que diz isso? E sorriu.
- John o que este homem te oferece não é algo que queira ter!
- Que bobagem, não estou entendendo!
- Está decidido em ir nesta reunião?
- Bom, agora que falou, acho que sim!
- Previno-lhe, não vá!
- Raquel, você está me assustando, eu não vejo nada de mais nisso!
- Bem, era isto que tinha a falar!
- Está bem, vou pensar no que disse!
- Espero que sim!

A b a a

Argel foi mais persistente e mandou um carro buscá-lo à tarde e sem poder dizer não, ele foi.

A mansão dos Sleepwalkers era muito imponente, quando John viu a entrada ficou fascinado.

- Então John, está preparado para entrar?

- Espere!

Ao longe viu Raquel sentada numa pedra, ele pediu desculpas e pediu que esperasse alguns instantes, desceu do carro e foi em direção a moça.

- John!

- Oi Raquel o que faz aqui?

- Eu disse, não devia ter vindo!

- Mas qual é a preocupação?

- Sinto, mas você verá! Escute-me com cuidado, haverá um momento em que não se lembrará de nada, só de minha voz dizendo isto a você, pegue este denário e esfregue em suas mãos.

- Raquel, o que está dizendo?

- Não me interrompa isto é importante! Pegue este denário e esfregue em suas mãos! Não posso fazer esta escolha por você! Mas saiba que fiz o possível para guardar-te.

- Raquel, você precisa de cuidados, vá para casa!

- Lembre-se e não perca esta moeda. Prometa que fará como eu disse!

- Está bem, eu prometo!

Raquel se foi, logo Argel o tomou pelos braços e disse: - Vamos meu caro!

A b a a

Todos estavam muito bem vestidos, vários jovens com um olhar disperso e altivo, John ficou a fitá-los em curiosidade, e não se lembrava mais do que Raquel havia dito.

A atmosfera do local era muito propícia ao esquecimento, mesas fartas, música suave, e dezenas de pessoas bebiam e sorriam num ritmo quase cadenciado.

- Chegou a hora, meus nobres Sleepwalkers, ajuntem-se a mesa!

- Você nobre convidado, sente-se aqui!

John sentou-se a mesa e ao encostar sua mão na mesma, sentiu um ardor vindo desta.

- Algum problema John? Perguntou Argel.

Ele olhou assustado para Argel e disse: - Não! Nenhum!

Então olhou para a mesa, havia inscrições com vários símbolos em vermelho, na sua mente aquilo veio como uma flechada, então se lembrou do que Raquel disse:

“Sinto, mas você verá! Escute-me com cuidado, haverá um momento em que não se lembrará de nada, só de minha voz dizendo isto a você, pegue este denário e esfregue em suas mãos.”

Tomado pelo medo, John pegou o denário que estava em seu bolso e esfregou três vezes. John sentiu um impacto como se sua alma tivesse vibrado dentro do seu corpo. Seus olhos arderam e ele olhou ao redor.

Os jovens confiantes, cheios de orgulho e altivez, estavam com vestes sujas e manchadas, suas costas estavam tão encurvadas que mal conseguiam estar de pé. As correntes enferrujadas os prendiam. Olhou novamente e viu os jovens vestidos com as mesmas vestes de antes.

- John, está preparado? Vamos começar a Cerimônia da Anunciação!

Quando John ouviu a voz de Argel tremeu por dentro, não era uma voz humana, e então olhou novamente para ele e lá estava. Um grande animal com asas de morcego, tinha um aspecto humano, mas também a escuridão como selo, era um demônio.

Já os jovens, eles estavam com outros demônios segurando seus ombros, falando em seus ouvidos coisas abomináveis e obscenas, e de suas almas eles sugavam uma fina camada de névoa que saía de suas almas, mas eles não se davam conta disso.

- Comecemos nobres Sleepwalkers.

- Não!

- Como assim não?

- Sei o que é Argel!

- Talvez tenha conseguido seduzir estes, e o que prometeste a eles eu não sei! Mas saibam que perderam suas almas por uma ilusão!

- Não há nada para mim aqui!

- O que você diz John?

- Pare demônio, eu posso vê-lo! John tremendo estava segurando o denário, mas acabou o deixando cair.

Quando Argel viu o denário, disse:

- Ele recebeu ajuda de cima! Quem veio a você? Seu mortal imundo!

O demônio se ergueu e ia se lançar sobre o pobre rapaz, mas John gritou:

- Raquel! Raquel veio a mim!

Quando disse seu nome o Anjo desceu com grande ímpeto na mesa e a fendeu ao meio; seu aspecto era altivo, como se fosse um Anjo de Guerra, uma luz intensa e viva resplandeceu por todo o local e os demônios se ocultaram em sua escuridão.

Raquel gritou aos jovens:

- Tolos, o que esperavam encontrar aqui? Vejam seus grilhões, fujam para salvar suas vidas!

Dois dos jovens choraram em arrependimento, então as correntes se quebraram e fugiram dali. Os outros não viram e nem ouviram o Anjo, já era tarde...

- Argel gargalhou em meio à escuridão e disse: - Nem tudo está perdido!

- Cale-se, tortura do inferno! E uma Luz refulgiu em glória de Raquel!

- Argel, gritou como um rato e fugiu. Deus te repreende, abominável!

Raquel então tomou John pelas mãos e voou daquele lugar.

A b a a

- Raquel você é um anjo?

- Sim, John!

- Deus me mandou!

- Por que Raquel?

- Não está claro, por que o ama!

- Raquel isto quer dizer que não a verei novamente!

- Vai sim, eu cumpri minha missão, agora está diante de você a sua!

- Existem muitos perdidos que precisam ser alcançados.

- E o que eu posso fazer?

- Fale sobre as coisas que viu e que verá!

- O denário que te dei foi um presente, seus olhos foram abertos para as coisas espirituais, ajude aqueles que precisam.

- Está bem!

Jubiloso John voltou para a casa e logo foi abraçar seus irmãos que logo perguntaram?

- Cadê a Raquel?

- Bem, a Raquel foi fazer uma viagem muito longa! E possível que não a veremos novamente!

Então o pequeno sorriu e disse:

- Ela deu asas!

- O que disse Peter?

Peter sorriu. E apontou para as costas de John e lá estavam o maior par de asas que um anjo poderia ter.

A Dama da Estrada

A Lua refulgia no céu... E ela estava assentada numa pedra, no meio-fio de uma rodovia deserta, esperava ansiosa por algo que ela não podia divisar... Os cabelos ao vento pareciam dominar o tempo, pois toda a imensidão daquele lugar deserto teimava em reverenciá-la. Seus olhos estavam fixos na estrada à espera de algo, mas se querem saber, a jovem fitava-a como se a conhecesse, como se a solidão daquela rodovia a inundasse e a preenchesse.

Portava-se imóvel, na escuridão da noite, como se não estivesse ali. E realmente não estava; pairava sobre a proteção de dois mundos, um; que ela havia conhecido profundamente e o outro que jamais pôde perscrutar, talvez, por não reconhecer a sua condição. A brancura de suas vestes, vestes finas que também se agitavam com o vento, tremeluziam na negra noite, e o uivo do vento, na calada da noite, produzia um terror alucinante naquele cenário perturbador.

Finalmente ela o viu, o carro estava a alguns metros dali, inesperadamente ela se ergueu como se sua vida ansiasse por aquele momento, talvez ela não tivesse escolha, e acenou suplicante para o rapaz que guiava o automóvel e que a fitava em curiosidade. O susto

dele só foi proporcional a surpresa de encontrar no meio de uma estrada tão deserta uma jovem tão esplendorosa. Não acreditou de início, pois ao vê-la sentada na pedra, achou estar vendo uma aparição.

Diante daquela visão inesperada ele resolve tomar a posição mais inusitada, parou diante do apelo da mulher; digo isto, pois numa situação tão sinistra como aquela, era mais provável que ele estivesse vendo um fantasma; porém deu marcha-ré, enquanto fitava a jovem mais bela que já havia visto em sua vida miserável. Quando se achegou perto da moça, abriu o retrovisor, e perguntou:

- O que faz sozinha aqui nesta escuridão? Percebe que está parada no meio do nada! Ela respondeu:

- Sim eu sei, tive uma briga com meu marido, e ele me deixou aqui, no meio desta estrada.

- E você ficou aqui sozinha, desde então? Há quanto tempo está aqui?

- Eu não sei bem precisar, parece-me que há algum tempo, mas confesso que estou tão aérea com a situação em que me encontro, e não sei quanto tempo se passou... Mas eu gostaria de saber, você poderia me oferecer uma carona?

- É óbvio que sim, não sei quantos homens você conheceu em sua vida, mas sei certamente que um canalha, não sou! Por favor, entre, não se acanhe!

A moça adentrou no carro e seguiu pela estrada na companhia do jovem. Como é seu nome, ele perguntou?

- Meu nome é Rachel!

- Seu nome é Rachel?

- Sim, meu nome é Rachel, por que pergunta?

Naquele instante os dois olharam para frente da estrada e a visão de um caminhão com os faróis acesos vinha em sua direção, atingindo o carro num grande impacto. Os dois morreram instantaneamente.

A b a a

- Querido eu não me sinto confortável de passar por esta rodovia.

- Por que diz isso Helena?

- Você não se lembra?

- Lembro-me de quê? Minha memória está meio fraca ultimamente.

- Jonah, foi aqui que tudo aconteceu, olhe, olhe ali no meio-fio, a cruz que foi colocada no lugar do acidente.

- Helena, o jovem casal, lembrei, havia esquecido completamente!

- É aqui, na altura desta estrada que muitas pessoas vêem umas luzes e uma jovem pegando carona num corvete azul. É também aqui que o casal morreu espedaçado, estavam rumando para Acapulco em lua de mel e brigaram no meio da estrada. Os conhecidos mais próximos disseram que a jovem traía o marido e ele soube de tudo pelo próprio amante. Ele tramou matá-la aqui no deserto, mas no fim, não teve coragem, acabou deixando-a em prantos nesta pedra e rumou para o seu destino.

- Mas eles morreram juntos no acidente, não foi?

- Sim, as pessoas que os conheciam disseram que ele a amava demais, e que talvez tenha se arrependido de tudo e voltado.

- Mas se estavam sozinhos aqui, como souberam que ele a havia deixado, não tinham como saber?

- Pela visão Jonah, é claro! Todos os viajantes desavisados que os viram disseram a mesma história, eles vêem o corvete dar marcha-ré e pegar a moça; vêem luzes de um caminhão e um estrondo gigantesco, então a visão some por completo.

- Mas se quer saber é sempre à meia noite que a cena se repete, uma jovem linda espera seu marido voltar e pega carona novamente em seu carro para o triste fim trágico. Pela história o que é mais perturbador é que eles não se reconhecem até o momento em que ela diz o seu nome.

- Jonah, você não percebe, a mulher ainda continua vagando por essas cercanias, e o jovem ainda volta em busca dela, sempre. Essa cena se repete por anos e anos a fio. Dizem que ela procura desesperadamente por perdão, e ele procura por seu amor perdido.

- Nossa, é arrepiante.

- Pois é, por isso não gosto de passar por aqui!

- Amor que horas são?

Naquele momento Jonah não respondeu, acabara de entrar num transe inexplicável. O rádio do carro ligou tocando uma música antiga dos Carpenters, e o marcador do relógio mostrou 00h00min.

- Querido, o que está fazendo?

- Por que parou o carro?

Jonah parou instantaneamente ao fitar uma bela jovem que o olhava no meio da estrada. A mulher que estava assentada ao seu lado, olhou para o retrovisor e nada viu. No meio da música a mulher também foi tomada pelo mesmo transe. O marido deu marcha-ré e parou em frente à jovem que o esperava.

A porta se abriu, e a jovem moça pairou sobre a mulher que agora passou a ser dominada pelo espírito da moça. E Jonah pelo do rapaz. E repetiram o seu ritual macabro que sempre os dominava naquela cena fria. Mas por um erro do destino, naquele dia eles não viram mais o

caminhão que os matou, mas viram a si mesmos juntos, naquele mesmo instante.

O jovem espírito olhou para a sua jovem Rachel e a beijou apaixonadamente. Quando terminaram, estavam segurando as mãos, olharam um para o outro e em despedida, desapareceram como se nada mais os prendesse àquele lugar.

- Jonah acordou do transe e olhou para a mulher, que perguntou:
- O que foi querido, por que parou o carro?
- Eu não sei, senti um sono de repente.
- Então, vamos seguir viagem?
- Sim, meu bem, claro que sim!

Nem Jonah e nem Helena se lembraram do que havia acontecido.

Porém, depois daquele dia, ninguém mais ouviu falar da dama de branco que acenava na cena fria à meia noite para o seu jovem marido, num corvete azul.

A D ádiva

Dizem que se uma criança chorar, e naquele mesmo instante o céu trovejar, um presente de Deus é dado a qualquer alma vivente. Helena acabara de sofrer um trauma muito grande, deslocou as suas retinas com a pancada que sofreu num acidente de carro, não poderia mais enxergar, estava fadada a encarar a escuridão para o resto de sua vida.

Naquele dia, dia fatídico, ela foi tomada por uma tristeza causticante, o céu parecia condoído por sua dor, pois também se enegreceu e trovejou muito em cima do hospital onde estava. A pequena Lívia, de sete anos, sabendo que a sua mãe estava sozinha no hospital com as vistas enfaixadas, orou aos céus, e chorou por sua mãe. Sua lágrima se transformou numa esfera de luz e desapareceu no ar.

Naquele momento começou a busca desesperada pela esfera de luz. Um anjo caído chamado Argel descobriu sobre a dádiva, para os caídos a dádiva de luz era um alívio ao tormento eterno, uma sensação de paz para as almas enegrecidas, ausentes da luz. Ele sentiu o cheiro da chuva e pressentiu a dádiva; a cobiçou para si. Não só ele percebeu, mas Uriel o anjo celeste também se alegrou por saber que aquela dádiva fora destinada a uma alma vivente. Ele precisava buscá-la, e entregá-la a quem de direito.

Os dois anjos duelaram por três dias inteiros, pois Uriel não podia permitir que a esfera fosse usurpada pelos caídos. Argel, em violência, reivindicou o direito da esfera, enquanto Uriel que se comprazia em Deus, lutava contra a impetuosidade do mal.

A dádiva era inteira, e poderia ser concedida a quem a tomasse, Uriel que era um anjo de luz, ocultou a esfera, mas ele fora ferido... Uma parte do seu poder inundou a esfera, sem que pudesse divisar isso. Argel em fúria fugiu de sua face, pois a Luz de Uriel era verdadeira e límpida e afugentou as trevas. Uriel voou como pôde e entregou a dádiva a jovem mulher que acabara de perder a visão.

Mais tarde...

- Doutor isso só pode ser um milagre, as retinas desta mulher foram estilhaçadas, ela não poderia enxergar mais. Disse a enfermeira.

- Eu sei, mas os milagres acontecem.

Depois dos exames preliminares, Helena começou a ver novamente, e estava muito exultante, pois sabia que um milagre havia acontecido, a sua alma estava impregnada desta certeza: uma dádiva havia sido entregue a ela. Foi aí que a sua filha a abraçou e ela a agradeceu pela oração.

- Mamãe, como sabe que eu orei?

- Eu não sei querida, eu apenas senti!

Helena estava assentada na cama do hospital quando viu o médico chegar, um senhor velhinho e muito atencioso que tinha um coração tão afetuoso que sabia desde o momento que o vira, ele era abençoado.

Logo depois, a surpresa, ao seu lado um anjo grandioso o cobria com suas asas, enquanto ele se aproximava. Ao fundo, vultos negros que passeavam entre ele, tentando encontrar alguma brecha para atormentá-lo.

- Meu Deus, o que é isso?

- O anjo virou-se para Helena e com um gesto simples; colocou o dedo em sua boca, fazendo menção para que ela se calasse.

- Querida, me abrace, por favor. Petrificada de medo, Helena abraçou sua filha, tentando encontrar alento e também protegê-la.

Assim que a criança a abraçou, outro anjo as envolveu com suas asas prateadas, e um calor imenso se fez entre elas.

Ela olhou firmemente para os olhos dos anjos e sentiu algo...

- Você recebeu algo maravilhoso, um dom, Uriel a presenteou, não tenha medo, mas algo a espera, você verá coisas que não pode divisar. Não tenha medo, sua vida agora é preciosa diante de Deus.

Então as visões sumiram, e ela só viu sua filha e o seu médico que tirava a sua pressão e que a tranquilizava, dizendo:

- Helena, o pior já passou, você está curada, não se preocupe, tenha alento!

Depois de três dias, Helena tomou a sua pequena e foram para casa, no caminho, Helena sentiu que iria chover.

- Lívia, meu amor, vamos entrar naquela lanchonete?

- Você está com fome, mamãe?

- Não querida... Cochichou no seu ouvido, vai chover!

Só deu tempo de adentrarem na lanchonete, logo a chuva caiu com muita veemência.

- Mamãe?

- Xiiii, não fale!

- Está bem.

Logo entrou um homem com um sobretudo preto, ele a olhava com um olhar arredio, como se escondesse alguma coisa. Uma sombra enorme cercava aquele homem, sua alma se arrefeceu naquele momento.

- Querida, fique aqui.

- O que foi mamãe? Cale-se e se esconda embaixo da mesa, não pergunte nada.

- O que você acha que está querendo aqui?

- Estou sentindo sua presença, Uriel!

- Vamos, apresente-se!

A sombra era quem dizia aquelas palavras com uma voz gutural e maldosa... Helena, ficou tonta e perplexa com tudo aquilo que via... O homem, nada podia intentar, estava completamente impregnado de medo e com desejos de violência.

- Mamãe, aonde você vai?

- Helena se aproximou do homem, e o pegou pelo braço!

Ela sentiu um vendaval transpassando-a, e foi lançada a metros de distância.

O homem parecia ter sido liberto de um transe.

- Sua filha olhou para ela e uma luz resplandecia em sua pele.

- Mamãe, o que é isso?

- Não é nada, meu bem!

- Homem, por um momento sua alma foi liberta, agarre-se a isso.

Aquele homem estava sob o julgo do mal e iria matar o dono da lanchonete, antes de assaltá-la. Ele fugiu com um medo estranho, algo o fez acreditar que ele precisava mudar.

Uriel então se apresentou diante dela e disse:

- Mulher, você recebeu algo que não deveria ter recebido!

- Eu sei!

- Mas não tema, agora uma responsabilidade você tem, cuidado com o seu dom, ele te fará ver coisas que você pode se julgar não estar preparada. Haja com sabedoria, ou algo de ruim pode lhe acontecer.

- Mas e você?

- Minha alma está ligada a sua, sempre que for preciso, eu estarei por perto.

- Obrigada!

- Há outro que merece ser Glorificado, e você mais que ninguém sabe disso!

- Sim, eu sei.

- Mamãe, você está bem?

- Sim querida, vamos, a chuva já acabou. Quando disse isso, os últimos pingos acabaram de cair.

Helena continuou a trabalhar, ela era costureira, e quando foi comprar aviamentos para as suas costuras, ela vislumbrou um atropelamento, uma criança seria atropelada a qualquer momento.

Ela correu até o fim da avenida e esperou pacientemente pois temia que aquela vida se perdesse.

- Um anjo se aproximou dela e disse:

- Mulher, não te é lícito!

- Mas eu preciso salvá-lo!

O anjo então se portou com uma grande espada a sua frente, e ela nada pôde fazer, a criança foi atropelada e morreu debaixo daquele semáforo.

- Mas por que eu não pude salvá-la?

- Você sabe a resposta!

- Sim eu sei!

-Não se sinta mal, ele seguiu para onde a morte não pode apanhá-lo mais.

Aquelas palavras arderam no coração de Helena.

Helena voltou para os seus aviamentos e foi pensativa para casa.

Meses depois, ela percebeu algo, sua filha estava com o coração doente.

- Não, não pode ser. O Senhor não faria isso!

Uriel apareceu...

- Não, eu não posso perder minha filha!

Uriel chorou.

- Sinto, mas você sabe que não pode fazer nada.

- Eu posso salvá-la, eu sei que posso.

- Não, Helena, não pode.

- Mas então por que eu recebi este dom?

- Para que possa trazer alento a outros que estão perdidos!

- Tome-o de volta, eu não o quero mais, eu quero minha filha!

- Isso, não é possível.

- Não a minha Livia, nãooooo!!! E chorou descompassadamente.

- Uriel, faça algo!

- Não me é lícito, você sabe!

Livia morreu naquela mesma tarde. Uriel a conduziu a uma porta muito iluminada e Helena presenciou tudo.

- Uriel, o que eu farei?

- Eu não pude salvar o garoto e nem a minha filha. O que eu farei e chorou desgostosa, eu não quero este dom, eu não quero.

- Se você recusá-lo, outros o usurparão, lembra-se de Argel.

- Eu não sei quem é este Argel.

- Você viu a sua sombra.

- Mas se quer saber, olhe mais além.

Ela viu um demônio obscuro, cheio de ódio que tentava quebrar uma redoma de luz que cercava a vida de Helena.

- Meu Deus, o que é isso?

- Eu lutei por esta dádiva, Helena, você entende isso?

- Sim, mas por que eu?

- Por que um anjo, maior que eu, lutou em seu favor.

- Mas que anjo?

- Você não sabe?

- Não!

- A sua Lívia.

Ela postava-se imóvel, sentada numa poltrona estrategicamente posicionada na janela. A chuva caía incólume e ela, imersa na sua solidão. Os pensamentos iam e viam sem pedir licença, mas ela apenas não desejava parar de contemplar os transeuntes, aquilo de certa forma a preenchia. Ela não sabia das horas, mas estava cobiçosa de rever seu marido que há dias não a tocava. Usava a mesma camisola de algodão e babados lilases que tanto gostava e encolhia-se em frente àquela janela. Uma só luz estava acesa, a do poste à frente de sua casa.

Seu marido entra e vai direto ao banheiro, ela olha para ele, esperando que a chamasse para tomarem banho juntos novamente, como sempre faziam nas noites em que se amavam. Mas ele não esboçou reação alguma. Logo ele se sentou na cama e no seu rosto uma tristeza causticante, ele estava amuado. Ela sentou-se no outro lado da cama, desolada e perdida. Ela não sabia o que havia dado errado, pois eles eram cúmplices de uma paixão verdadeira, de um amor pleno e sedento, cobiçoso de atenção. Ela tomou coragem, mas quando ia esboçar uma palavra, ele se levantou, pegou seu cigarro e o relógio, vestiu-se apressadamente e bateu a porta da casa, sem olhar para trás.

Ela olhou aquela cena... Mais uma vez a solidão inundou a sua alma. Contudo, essa geralmente era a rotina de Frank e ela não entendia o porquê de tanto distanciamento, a verdade é que já tinham doze anos de casados e nunca houve um dia sequer em que não dormissem juntos abraçados, aninhados, sorvendo um o calor do outro. Porém, aqueles dias passaram e a imprecisão daquela situação, desnudava uma melancolia extrema no seu coração.

Quando ele voltou para casa, estava totalmente bêbado. Jogou-se na cama e a ignorou. Ela ainda estava na janela. Então se levantou com cuidado e, com muito esforço para não acordá-lo, o cobriu. No seu sono, ele percebeu o seu toque, sorriu.

Deitou-se com ele na cama, contudo não conseguia adormecer, a única coisa que a confortava era a certeza de que podia olhá-lo enquanto ele dormia. Aquilo trazia certa paz ao seu coração, mas não ousava tocá-lo, pois se sentia humilhada por não a procurar mais, e por tornar-se indiferente a ela.

Amanheceu e ela ainda continuava na janela. Ele levantou e arrumou as malas. Ela desesperou-se. Então, resolveu assumir aquela situação, Frank não podia ir embora, ela precisava de uma explicação, respirou fundo e disse:

- Você não pode me deixar.

Ele não a ouviu.

- Por que me ignora? Não sabe que o amo? Por que está fazendo isso comigo? Não percebe o quanto você está me magoando? Eu o quero, Frank, sempre o amei!

Ele olhou para o quarto e lágrimas rolaram de seu rosto, olhou para o criado mudo e tirou a carta, sentiu o perfume de sua mulher mais uma vez e por fim a deixou sobre o aparador. Pegou suas malas, olhou mais uma vez para o quarto e saiu sem dizer Adeus.

Ela estava envolta em lágrimas, e não podia entender o que significava tudo aquilo. Até que foi ao aparador, pegou a carta e leu.

- Querido, eu sinto muito, mas conheci outro homem, estamos juntos há dois meses. Eu não tive escolha, envolvi-me nesta situação. Sei que trai a sua confiança, logo você que foi sempre o meu melhor amigo e o meu amor. Eu sinto, estou lhe deixando, pois não o amo mais. Seja feliz.

Ela leu aquelas letras e percebeu que eram suas as palavras... As certezas a tomaram por completo, ela o havia traído, mas como isso é possível? Então a dor lancinante veio em seguida e o sangue molhou a sua camisola novamente. Lembrou-se do amante, do homem que ela cobiçou para si e que fez com que a sua vida conjugal se partisse. O mesmo homem que a apunhalou com a faca de prata, matando-a para ficar com as economias que o marido juntara em doze anos. O seu marido que ela não podia tocar, que não podia ouvi-la e que agora, a abandonara de uma vez por todas.

Duro foi ter a consciência de que estava morta, e sem o esposo, ela percebeu que passaria a sua outra existência amargando uma ausência inominável e o amargor daquela perda.